



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS – FAV  
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS - EAD

Hugo Henrique Yoshiki Togo Garibalde

AUTORRETRATO E ARTE VISIONÁRIA:  
CAMINHOS DE UM PROCESSO ARTÍSTICO, ESPIRITUAL E HUMANO

Goiânia  
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### 1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **Hugo Henrique Yoshiki Togo Garibalde**

Título do trabalho: "AUTORRETRATO E ARTE VISIONÁRIA: CAMINHOS DE UM PROCESSO ARTÍSTICO, ESPIRITUAL E HUMANO",

### 2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [ x ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

#### Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Leda Maria De Barros Guimaraes, Professora do Magistério Superior**, em 06/02/2024, às 09:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Hugo Henrique Yoshiki Togo Garibalde, Usuário Externo**, em 06/02/2024, às 12:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4328530** e o código CRC **12D5F21D**.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS – FAV  
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS - EAD

Hugo Henrique Yoshiki Togo Garibalde

AUTORRETRATO E ARTE VISIONÁRIA:  
CAMINHOS DE UM PROCESSO ARTÍSTICO, ESPIRITUAL E HUMANO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Artes Visuais, da Universidade Federal de Goiás, com requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leda Maria de Barros Guimarães.

Goiânia  
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Garibalde, Hugo Henrique Yoshiki Togo  
Autorretrato e Arte Visionária - [manuscrito] : Caminhos de um processo artístico, espiritual e humano / Hugo Henrique Yoshiki Togo Garibalde. - 2023.  
72 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Leda Maria de Barros Guimarães.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2023.  
Bibliografia.

1. arte visionária. 2. autorretrato. 3. autobiográfico. 4. processo criativo. 5. pinturas. I. Guimarães, Leda Maria de Barros, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

### ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao(s) dezanove dia(s) do mês de janeiro do ano de 2024 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "AUTORRETRATO E ARTE VISIONÁRIA: CAMINHOS DE UM PROCESSO ARTÍSTICO, ESPIRITUAL E HUMANO", de autoria de **Hugo Henrique Yoshiki Togo Garibalde**, do curso de Artes Visuais - Licenciatura, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela Dra. Leda Maria de Barros Guimarães -orientadora, FAV/UFG – com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Prof. Dr. Edgar Silveira Franco - membro 1 (FAV/UFG) e da Profa. Dra. Kelly Christina Mendes Arantes - membro 2 (FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Leda Maria De Barros Guimaraes, Professora do Magistério Superior**, em 08/02/2024, às 17:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Edgar Silveira Franco, Professor do Magistério Superior**, em 08/02/2024, às 19:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Kelly Christina Mendes Arantes, Professora do Magistério Superior**, em 08/02/2024, às 21:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4372941** e o código CRC **383164CB**.

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como intento principal, demonstrar o caminho percorrido por mim enquanto artista visual e visionário, por meio dos autorretratos. Da mesma maneira, adentramos ao conceito de Arte Visionária, visitando artistas visionários através da História, por meio de uma abordagem autobiográfica, bem como, o autorretrato enquanto caminho para o autoconhecimento. Por fim, o meu processo criativo deste TCC é um espelho de como fora a minha história até então, sendo o mesmo também um autorretrato, como minhas pinturas, reflexo do processo investigativo de um ser humano, acerca de si mesmo.

**Palavras-chave:** arte visionária; autorretrato; autobiográfico; processo criativo; pinturas.

## ABSTRACT

The main purpose of this Final Paper is to demonstrate the path I have taken as a visual artist and visionary, through self-portraits. In the same way, we enter into the concept of visionary art, visiting visionary artists throughout history (mainly myself, since the work is autobiographical), as well as the self-portrait as a path to self-knowledge. Finally, my creative process in this Final Paper is a mirror of how my story had been until then, being the same, also a self-portrait, like my paintings, a reflection of the investigative process of a human being, about himself.

**Keywords:** visionary art; self-portrait; autobiographical; creative process; paintings.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que é fonte infinita de amor e inspiração para todos os seres e que sempre me concedeu tudo que preciso para vencer cada desafio e avançar na minha evolução humana.

Agradeço à toda a minha família e, em especial, minha mãe, Ji, Ba, irmã e meus guias, que são as joias raras de minha vida e que, através desta lição chamada família, ensinam-me o amor divino, já que sempre tive e tenho tudo de que preciso para lutar pelos meus sonhos. Agradeço também, aos meus priminhos Pedro e Nicole, que me inspiraram a ensinar com alegria e que me trazem esperança quanto ao futuro que virá.

Agradeço aos meus amigos e irmãos de jornada, em especial, Arthur, Felipe e Antônio, que conhecem o mais profundo de mim e me fortaleceram com bons conselhos, conversas e momentos juntos.

Agradeço ao meu professor e mestre de pintura Napefi, por seu espírito caridoso, bondoso e leal, que muito me ensinou e que me ajudou a fundar as bases de meu conhecimento técnico.

Agradeço a todo corpo docente da UFG, do curso Licenciatura em Artes Visuais, em especial à Lilian, por sua determinação pela EAD; Noeli por seu olhar bondoso, paciente e atencioso comigo; Leda, por ter sido minha orientadora de TCC e professora das disciplinas de ateliê, tendo sido muito paciente também comigo e trazendo muitos bons conselhos para minha caminhada e Dânia, que me dá conselhos e dicas de livros importantes para a caminhada docente e artística.

Agradeço às instituições filosóficas e místicas que passei, em especial o Céu de Sant'Ana, lugar onde me reconectei com a arte e meu propósito, graças à sagrada bebida *ayahuasca* e à excelente condução de trabalhos de Gustavo e Marina.

Por fim, agradeço aos mestres e artistas, em especial visionários, que percorrem, percorreram e percorrerão este caminho estreito que é a senda mística e que, porém, é o mais gratificante para o espírito do artista.

**Dedico este trabalho ao Único, que sempre me abasteceu com seu amor,  
verdade e justiça.**

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Os extremos se tocam. Aquarela sobre papel. 42cm x 30 cm. Fonte: elaboração própria, 2021..... 12
- Figura 2 - O Leão Espectral. Acrílica sobre papel A3. Fonte: elaboração própria, 2022 ..... 13
- Figura 3 - Exercícios de observação. Lápis 6B sobre papel jornal A4. Fonte: elaboração própria sob orientação do professor Napefi e em seu ateliê particular, 2006..... 15
- Figura 4 - Exercícios de figura humana. Lápis 6B sobre papel jornal A4. Fonte: elaboração própria sob orientação do professor Napefi e em seu ateliê particular, 2006..... 15
- Figura 5 - Exercício de anatomia. Lápis 6B sobre papel jornal A4. Fonte: elaboração própria sob orientação do professor Napefi e em seu ateliê particular, 2006..... 16
- Figura 6 - Desenho criativo inspirado por um anime chamado Dragon Ball. Lápis 6B sobre papel jornal A4. Fonte: elaboração própria no ateliê particular do professor Napefi, 2006 ..... 16
- Figura 7 - Recortes de exercícios de observação e releitura. Lápis 6B sobre papel jornal A3. Fonte: elaboração própria sob orientação da professora Kátia Siade na Escola de Artes Osvaldo Verano, 2016..... 17
- Figura 8 - Sol, Lua, Estrela. Aquarela sobre papel A3. Fonte: elaboração própria, 2019. .... 18
- Figura 9 - Recorte de exercício de modelo vivo. Lápis 6B sobre papel kraft. Fonte: elaboração própria em encontro presencial na FAV (Faculdade de Artes Visuais da UFG), 2017 ..... 19
- Figura 10 - Autorretrato. Lápis de cor aquarelável sobre papel A4. Fonte: elaboração própria, 2018..... 20
- Figura 11 - Cartografias do Inconsciente / Moura, Matheus (Org.); Posteraro, Vinicius; Ciberpajé; Silveira, Guilherme; Ferreira Jr., Laudo; Ron, Angelo; Ramirez, Décio; Mastroberti, Paula. Fonte: Silva, 2018 ..... 23
- Figura 12 – Individuação. Acrílica sobre papel plissado. 32cm x 40cm. Fonte: elaboração própria, 2018..... 25

Figura 13 - A chama eterna do artista está acesa. Brushpen sobre papel. 23,5cm x 33cm. Fonte: elaboração própria, 2020 .....	29
Figura 14 – Anunciação. Óleo sobre painel. 217cm x 98cm. Galleria Degli Uffizi, Milão, Itália. Leonardo da Vinci. Fonte: Google Art and Culture (online), por volta de 1472.....	33
Figura 15 - Ecce Homo. Óleo sobre madeira. 71cm x 61cm. Städelsches Kunstinstitut, Frankfurt, Alemanha. Hieronymus Bosch. Fonte: Google Art and Culture(online), por volta de 1500 .....	34
Figura 16 – Altarpiece - No. 1 - Group X. Têmpera sobre papel. 185cm x 152cm. Estocolmo, Suécia. Hilma af Klint. Fonte: wikiart (online), 1907 .....	35
Figura 17 - Vitruvian Human. Acrílica, caseína e óleo sobre madeira. 30,5cm x 40,6cm. Localidade indeterminada. Amanda Sage. Fonte: amandasage (online), 2016. ....	37
Figura 18 - Net of Being. Óleo sobre linho. 457cm x 229cm. Enttheon, Nova Iorque, Estados Unidos. Alex Grey. Fonte: alexgrey (online), 2007 .....	37
Figura 19 – Vine. Óleo sobre gesso (Torri Superiori com Maura Holden no Mischtechnik Seminar). 40cm x 30cm. Localidade indeterminada. Mikosz. Fonte: mikosz (online), 2012 .....	39
Figura 20 - Página 4 da HQ Presença, de Edgar Franco e Matheus Moura. Fonte: Silva, 2018 .....	40
Figura 21 - 3 Sóis. Óleo sobre tela. 60cm x 60cm. Fonte: elaboração própria com a orientação do professor Napefi em seu ateliê particular, 2017.....	42
Figura 22 - O servo. Óleo sobre tela. 60cm x 60cm. Fonte: elaboração própria sob orientação do professor Napefi em seu ateliê particular, 2017.....	43
Figura 23 – Recorte de obra sem título. Lápis de cor aquarelável sobre papel A4. Fonte: elaboração própria, 2018/2019 .....	44
Figura 24 – Sem título. Aquarela sobre papel A4. Fonte: elaboração própria sob a orientação do professor Napefi na Escola de Artes Osvaldo Verano, 2018..	45
Figura 25 - A libertação de um artista místico. Aquarela sobre papel A3. Fonte: elaboração própria, 2019/2020.....	46

Figura 26 – Autorretrato. Lápis de cor aquarelável sobre papel A4. Fonte: elaboração própria, 2019.....	50
Figura 27 – Sentir. Acrílica sobre caixa de pizza (papel plissado). Dimensão em área 990,23cm <sup>2</sup> ou caixa de pizza tamanho médio. Fonte: elaboração própria, 2019. ....	52
Figura 28 – Autorretrato. Giz vermelho e preto sobre papel. 333cm x 213,5cm. Musei Reali, Biblioteca Reali, Torino, Itália. Leonardo da Vinci. Fonte: Google Arts & Culture (online), 1517/1518 .....	53
Figura 29 - Homem Vitruviano. Lápis e tinta sobre papel. 34cm x 24cm. Galleri dell Accademia, Florença, Itália. Leonardo da Vinci. Fonte: homem vitruviano (online), 1490 .....	54
Figura 30 - Navegação pelo caos. Brushpen sobre papel. 33cm x 23cm. Fonte: elaboração própria, 2020.....	56
Figura 31 - Deixe a esquerda livre! Acrílica sobre tela. 40cm x 50cm. Fonte: elaboração própria, 2019.....	58
Figura 32 - O Caminho e o Destino. Acrílica sobre caixa de pizza (papel plissado). Dimensão em área: 990,25cm <sup>2</sup> ou caixa pizza tamanho médio. Fonte: elaboração própria, 2020.....	60
Figura 33 - Ali Blue. Mesa digitalizadora e photoshop cc. 1200px x 1200px. Fonte: elaboração própria, 2023.....	61
Figura 34 - Dissolvendo no Eu Sou. 5197px x 5197px. Photoshop e mesa digitalizadora. Fonte: elaboração própria, 2021 .....	62
Figura 35 - Coração é o centro. Mesa digitalizadora no Photoshop. 5197px x 5197px. Fonte: elaboração própria, 2021 .....	63
Figura 36 - Esboço de “A saída”. Aquarela sobre papel A5. Fonte: elaboração própria, 2023 .....	65

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1 – A TRAJETÓRIA DE UM ARTISTA MÍSTICO: PROCESSOS CRIATIVOS, FORMATIVOS E VIVIDOS .....</b>	<b>14</b>
1.1 PRIMEIROS TRAÇOS .....	14
1.2 APRENDIZAGEM CRIATIVA .....	19
<b>CAPÍTULO 2 - ARTE VISIONÁRIA: UM CAMINHO ATEMPORAL .....</b>	<b>32</b>
2.1 O QUE É ARTE VISIONÁRIA? .....	32
2.2 RENASCIMENTO: O CAMINHO DE UM ARTISTA VISIONÁRIO .....	41
<b>CAPÍTULO 3 - AUTORRETRATO: O INÍCIO DE UM PROCESSO ARTÍSTICO, ESPIRITUAL E HUMANO.....</b>	<b>48</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>65</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>68</b>

## INTRODUÇÃO

Quando se é introvertido desde a infância e se encanta muito com o que vê, ao ponto de sentir e seus sentidos serem assim, misturados e intensos, possivelmente estará se falando de um artista.

[...] de acordo com Vigotsky (1999), podemos entender que a arte é a objetificação dos sentimentos humanos, uma técnica elaborada pelos homens que permite aos indivíduos socializar determinado sentimento, como também, ao mesmo tempo, torná-lo pessoal, parte do psiquismo (Barroco; Superti, 2014, p. 26).

Sentir e querer expressar é natural do ser humano e o artista com sua sensibilidade tende a uma intensidade que busca expressar por vias diferentes da verbal e literal, mas com profundidade simbólica. Ou melhor, por vezes nem busca, é inspirado, até mesmo movido por um sentimento, que encerra em uma arte expressa, quem é o artista. Desde criança, inspiro-me no que vejo ou sinto, dentro e fora de mim e através do desenho, expresso quem sou.

Este trabalho é uma obra de arte também, escrita criativamente para deixar o exemplo de um caminho percorrido por mim, que sonho alcançar uma identidade única e um dia ser um mestre artista visionário. Sendo um artista visionário, também trago outros exemplos de artistas visionários, sejam eles mestres renascentistas, como Leonardo Da Vinci, Hieronymus Bosch e Hilma af Klint, e atuais, como Ciberpajé, Matheus Moura, Mikosz e Alex Grey; para bem conceituar o movimento que faço parte e poder me fazer ser compreendido como ser humano, que expressa em sua arte realidades diferentes das comumente conhecidas por nossos cinco sentidos físicos.



Figura 1 - Os extremos se tocam. Aquarela sobre papel. 42cm x 30cm. Fonte: elaboração própria, 2021.

É sabido, pela história e exemplo de diversos artistas, que o processo criativo de uma vida é composto por várias fases. Nessas fases, mudam-se cores, modos de desenhar/pintar, estilos, suportes, tintas e, em síntese, o próprio artista sofre as mudanças de seu processo criativo.

Uma obra que sintetiza uma das fases que vivo atualmente, buscando expressar-me com autenticidade e vontade é um autorretrato em que a face é de um leão e que se dissolve em um plano azul. O leão pintado representa para Nietzsche uma etapa do caminho do ser humano, sendo uma das 3 metamorfoses (camelo, leão e criança) (Nietzsche, 2006, p. 31).



Figura 2 - O Leão Espectral. Acrílico sobre papel A3. Fonte: elaboração própria, 2022.

Como descrito por Zaratustra, personagem de “Assim Falava Zaratustra”:  
“Criar novos valores é coisa que o leão ainda não pode, mas criar a liberdade para criar novamente, isso pode fazer a força do leão”. (Nietzsche, 2006, p. 32). O intento de meu trabalho artístico (incluindo a pintura e este escrito), não é sobre estar certo ou errado quanto a meu modo de ser ou criar, mas expressar livremente quem sou, o que sinto e o que vivo; por isto, o leão enquanto representação da vontade e liberdade, se torna a ideia mais presente no oculto de cada obra de minha vida até o momento.

Ademais, caminho desenhando e pintando autorretratos, percebo-me além da forma, silhueta ou estética, mas também em sentidos subjetivos, que abarcam as dimensões da mente, emoções e espírito. Portanto, nas telas, papéis, caixas de pizza ou mesmo na vida, não sou somente uma forma ou aparência, mas alguém humano e artista, que traz em si um significado e valor que pode inspirar outros artistas a criarem livremente, partindo de quem se é.

## **CAPÍTULO 1 – A TRAJETÓRIA DE UM ARTISTA MÍSTICO: PROCESSOS CRIATIVOS, FORMATIVOS E VIVIDOS**

Em período de gestação, minha mãe me carregava em seu útero, dentro de um avião, rumo ao Japão, para estar junta de seus pais e irmãos. Nascido em 1996, em outro país, a linguagem sempre foi um desafio já que mesmo meu avô de ascendência japonesa, comunicava-se em português dentro de casa. Iniciando minha jornada artística no Japão, fui inspirado por animações (tanto ocidentais, quanto orientais). Boa parte de meus desenhos foram levados pelo tempo, mas sempre foi dada continuidade no fazer artístico.

Desde cedo, enfrentando desafios da linguagem, comunicava-me de maneira mista e, como se não bastasse, ainda no Japão com tenra idade, uma deficiência em que não se sabe a causa, se deu em meu olho direito, danificando sua pálpebra (que mesmo hoje, ainda é fechada) e 70% de minha visão nesse olho. Entretanto, ao invés de encarar apenas como uma deficiência, vejo por uma nova perspectiva (adquirida pelas experiências diversas da vida) também, em que o olho esquerdo aberto e o direito fechado (ambos percebidos e interpretados popularmente como janelas da alma), trouxeram uma conexão mais forte e profunda com o mundo dos símbolos.

### **1.1 PRIMEIROS TRAÇOS**

Aos 9 anos de idade, em 2006, iniciei aulas de desenho com o Professor Napefi (nome artístico de Nazareno Pereira Filho), que também fora estudante de Licenciatura em Artes Visuais da modalidade EAD (Ensino à Distância) pela UFG (Universidade Federal de Goiás). Fiquei estudando com ele em seu ateliê particular, desenhos de observação e anatomia humana por alguns meses e, depois, por perder o entusiasmo que tinha no início, quando Napefi encerrou as aulas em seu espaço e me recomendou a outro professor, pausei as aulas com algum tipo de instrutor, mas continuando a desenhar esporadicamente e principalmente personagens de *Anime* (animação japonesa). Esse tipo de arte dialoga até hoje com meu trabalho desde a estética às temáticas, como por exemplo, a espiritualidade.



Figura 3 - Exercícios de observação. Lápis 6B sobre papel jornal A4. Fonte: elaboração própria sob orientação do professor Napefi e em seu ateliê particular, 2006.



Figura 4 - Exercícios de figura humana. Lápis 6B sobre papel jornal A4. Fonte: elaboração própria sob orientação do professor Napefi e em seu ateliê particular, 2006.



Figura 5 - Exercício de anatomia. Lápis 6B sobre papeljornal A4. Fonte: elaboração própria sob orientação do professor Napefi e em seu ateliê particular, 2006.



Figura 6 - Desenho criativo inspirado por um anime chamado Dragon Ball. Lápis 6B sobre papel jornal A4. Fonte: elaboração própria no ateliê particular do professor Napefi, 2006.

Retomei as atividades artísticas na Escola de Artes Oswaldo Verano, em 2016, com 19 anos de idade, inspirado por um amigo de infância que iniciara seu aprendizado. Realizei com a professora Katia Siade desenhos de observação, recapitulando lições das aulas que tive aos 9 anos com Napefi e observando que o processo de desenvolvimento da técnica não se dá apenas com a prática psicomotora de desenhar, mas que, a maturidade e desenvolvimento cognitivo

adquirido através das experiências diversas da vida, também podem refinar os traços e resultados dos desenhos.



Figura 7 - Recortes de exercícios de observação e releitura. Lápis 6B sobre papel jornal A3. Fonte: elaboração própria sob orientação da professora Katia Siade na Escola de Artes Osvaldo Verano, 2016.

Em 2017, inspirado por uma bebida chamada *Ayahuasca*, em um centro de Santo Daime de Anápolis, resgatei memórias da infância e, com isso, uma revolução em minha vida começa a acontecer, trazendo uma nova direção profissional para mim, mais alinhada ao como sou e me sinto. A *ayahuasca* ou Santo Daime, como era chamado no Centro, é uma bebida enteógena, ou seja, “[...] uma substância capaz de gerar ‘internamente a experiência divina’ (Caruana, 2013, p. 43). Na pintura abaixo (fig. 08), está o mestre da doutrina do Santo Daime (Raimundo Irineu Serra) especificamente, todo o processo da pintura foi realizado sob o efeito da bebida enteógena Santo Daime/*ayahuasca*:



Figura 8 - Sol, Lua, Estrela. Aquarela sobre papel A3. Fonte: elaboração própria, 2019.

Foi então que abandonei o curso de Engenharia Mecânica que vinha cursando há uns anos, para retornar aos estudos artísticos com o professor Napefi em seu ateliê particular e, também, iniciar o curso de Licenciatura em Artes Visuais na modalidade EAD, pela UFG. Navegando com pinturas em um ateliê particular de um professor que é também um ex-aluno da UFG e, realizando o mesmo curso que ele concluiu, dei prosseguimento à busca que sempre me impeliu a avançar, independente da área da vida que se discuta: autoconhecimento. Portanto, a espiritualidade passou a estar mais presente em meus trabalhos, o que porventura culminou no encontro com a Arte Visionária, que abordaremos mais profundamente no capítulo seguinte.

## 1.2 APRENDIZAGEM CRIATIVA

Em 2017, havendo dificuldades de adaptação ao curso de graduação na modalidade à distância, permiti-me ser um aprendiz e experimentar, influenciado pela professora Leda Guimarães, na disciplina de Desenho e Formas Expressivas do Bi e Tridimensional do primeiro percurso (como chamamos o semestre letivo na modalidade EAD), experimentei um repertório criativo adquirido a partir do conteúdo passado, que incluiu: desenho de observação de objetos; composição em planos; desenho do corpo humano; recorte e colagem; introdução à modelagem etc. Dentre alguns dos exercícios trabalhados na disciplina, aqueles que mais influenciaram o meu trabalho artístico posteriormente, foram os relativos ao corpo humano.



Figura 9 – Recorte de exercício de modelo vivo. Lápis 6B sobre papel kraft. Fonte: elaboração própria em encontro na presencial na FAV( Faculdade de Artes Visuais da UFG), 2017.

Aos poucos, fui migrando do estilo de desenho e pintura mais figurativo para um modo de desenhar e pintar mais livremente, voltado ao que sinto quando estou criando, o que foi ampliando o leque de possibilidades de experimentação e

combinações, desprendendo-me, muitas vezes, da necessidade de um esboço, começando a trabalhar diretamente com lápis de cor e/ou tinta.

Em 2018, já me encontrando um pouco mais em minha linguagem, comecei a me conectar com o movimento de arte visionária, passando a explorar menos a mimese/imitação e mais a realização a partir de ENOCs (Estados Não Ordinários de Consciência), advindos de meditações e experiências espirituais e, conseqüentemente, alinhando-me à um processo de autoconhecimento de forma prática: através dos autorretratos, em que relatarei mais à frente com mais profundidade sobre esse tipo de trabalho artístico e trazendo mais exemplos meus e de outros artistas. Por ora, um primeiro resultado do que vinha buscando em minha pesquisa pessoal independente e em paralelo com o curso:

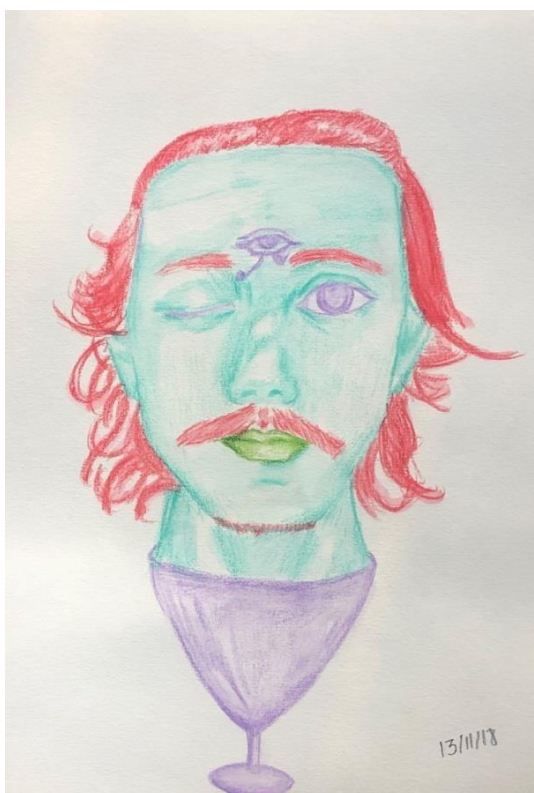


Figura 10 - Autorretrato. Lápis de cor aquarelável sobre papel A4. Fonte: elaboração própria, 2018.

Já no percurso 4, em 2019, na disciplina de Pintura, também ministrada pela professora Leda Guimarães, a partir de sua proposta, resolvi juntamente com outros

alunos, dedicar-me à concepção e tomada de consciência de minha identidade artística, que vinha buscando desde 2017. Portanto, a turma ficou dividida em duas partes: uma parcela se iniciando nas primeiras técnicas de pintura e a outra parte, aprofundando-se em um conhecimento um pouco mais avançado em pintura, não somente relativo à linguagem, mas também, com um intuito de busca por poética artística, o que me inspirou a sintetizar essa proposta, com um intento que já possuía: o de encontrar minha identidade pessoal e artística.

Com o intuito de experimentar, passei a escolher me arriscar pelo desconhecido, em detrimento do que já sabia. Explorar as diversas possibilidades de experimentos, ao mesmo tempo que se tornava um exercício criativo levando até mesmo a esboços de possíveis obras de arte a serem desenvolvidas, também me conduzia por uma prática de observação e aceitação ao processo, soltando desde o controle psicomotor ao controle emocional (daquilo que sentia no momento de realização de algum experimento) e o controle mental (daquilo que pensava durante o processo). Assim, cada vez mais, a busca por preparo e desenvolvimento técnico se fez imprescindível, e se faz ainda hoje:

O profissional dedica-se a dominar a técnica não porque acredite que a técnica seja um substituto para a inspiração, mas porque quer estar de posse de um arsenal completo de habilidades quando a inspiração lhe vier. O profissional é matreiro. Ele sabe que trabalhando duro junto à porta da frente da técnica, deixa espaço para a genialidade entrar pelos fundos (Pressfield, 2005, p. 99).

Steven Pressfield e seu livro “A Guerra da Arte” esteve presente comigo, como outros autores que me impeliam à ação, visto que a maior dificuldade que encontrei e elegi para o fazer artístico e criativo foi a procrastinação. Portanto, o simples ato de experimentar, é uma maneira de desbloqueio de qualquer tensão que venha a travar a minha criatividade, uma vez que tornava mais leve a experiência sem as exigências e autocobranças de um resultado, de uma obra detalhadamente idealizada. A artista visual brasileira Fayga Ostrower, explica que:

A tensão psíquica é vista às vezes como conflito emocional. Em si, isso não invalida nossa tese de que qualquer processo criativo, produtivo, teria que supor um estado de tensão psíquica, uma vez que não há crescimento sem conflito – o conflito é condição de crescimento (Ostrower, 2014, p. 28).

A partir desse conflito inicial, o artista, por sua vez, é impelido a uma escolha inconsciente: a de dar vazão à tensão que, por vezes, dá-se através do fazer artístico e criativo. Ainda segundo Ostrower:

[...] O que o conflito faria, dada sua área e sua configuração particular em cada caso, ao intervir na produtividade de um artista, seria eventualmente propor a temática significativa por ser ela tão imediata e relevante para a pessoa. Poderia, também, junto ao assunto assim selecionado, influir na escolha, ainda que inconsciente, dos meios e das formas de configurar. Portanto, o conflito orientaria até certo ponto o quê e o como no processo criador (Ostrower, 2014, p. 28).

Como em paralelo a tudo isso vinha me desenvolvendo também em uma busca mais subjetiva, ou seja, a busca por me conhecer mais, mesmo em aspectos espirituais, percebi que independente do que vinha experimentando na vida ou nas artes, o que mais buscava era a mim mesmo, em um sentido mais profundo.

Foi quando, em 2019, já com 23 anos, comecei a leitura de obras mais pertinentes ao movimento artístico que pertencço. Inspirado por artistas visionários, como Alex Grey e Leonardo Da Vinci e também pelas diversas escolas de filosofia e religiões que conheci, no campo institucional (estudando ou participando das atividades da instituição) ou nos livros, ficou cada vez mais evidente a necessidade de me posicionar também publicamente sobre o tipo de arte que fazia: qual movimento pertencia; o conceito do movimento; conhecimento sobre processos psicológicos e espirituais etc. A necessidade de uma comunidade artística também se apresentou ao me perceber deslocado do meio artístico contemporâneo, por ainda não me posicionar adequadamente em relação ao conceito de meu trabalho e de minha identidade artística.

A maior parte dos participantes do movimento de arte visionária que vinha encontrando dentro e fora da universidade eram descobertos em redes sociais. Quanto aos artistas visionários que possuem idade próxima à minha (entre 20 e 30 anos), se encontram espalhados pelo mundo e começaram a ser reunidos por movimentos relacionados à cultura psicodélica (retiros espirituais, raves etc.).

Realizei um curso voltado para artistas com o foco de vendas, que culminou também no encontro com outros artistas visionários brasileiros. Agora, já abrindo e conhecendo um pouco mais a comunidade brasileira do movimento de arte

visionária, a fase de total experimentação começou a ganhar um sentido mais preciso, na medida em que agora passava a ter um grupo de interação acerca de temas afins a essa cultura.

Essa comunidade vem se formando há algumas décadas, com um exemplo na UFG, do artista visionário e quadrinista professor Edgar Franco. Outro artista e colega de turma, foi Matheus Moura, que me vendeu uma de suas revistas de histórias em quadrinhos (Fig. 11) durante o primeiro percurso.

Tive contato com colegas logo no início do curso, que inspiraram ainda mais minha busca acerca de experiências espirituais e Arte Visionária, até descobrir que alguns deles contribuíram academicamente sobre o tema, como é o caso de Matheus Moura e que também tem quadrinhos visionários publicados em parceria com outros artistas visionários, dentre eles, o também o artista Ciberpajé (também Edgar Franco), que compõe a banca deste Trabalho de Conclusão de Curso, que virei a tratar mais à frente, no capítulo sobre Arte Visionária.

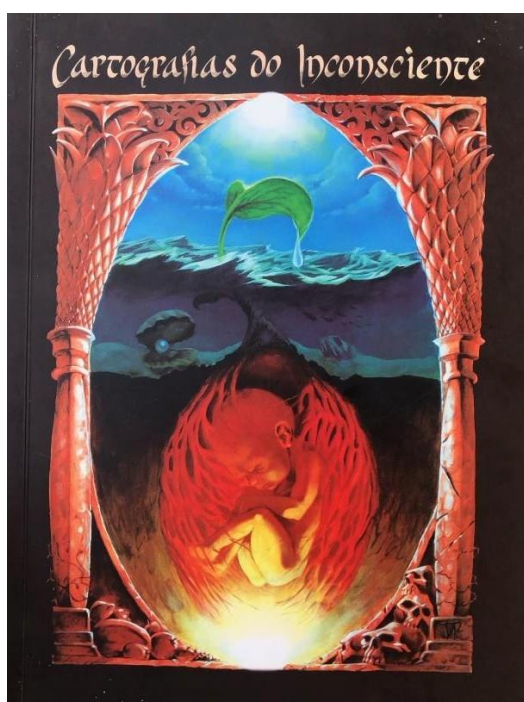


Figura 11 - Cartografias do Inconsciente / Moura, Matheus (Org.); Posteraro, Vinicius; Ciberpajé; Silveira, Guilherme; Ferreira Jr., Laudo; Ron, Angelo; Ramirez, Décio; Mastroberti, Paula. Fonte: Silva, 2018.

Para mim, como todo o processo, desde o começar a fazer arte na infância à decisão de afirmar a minha posição em um movimento de arte visionária e cultura psicodélica, aconteceram de maneira espontânea, as obras que ia realizando ao longo dos percursos na universidade, foram trazendo traços de uma busca única, como dito anteriormente: de mim mesmo. Isso começou a se evidenciar mais claramente em um dos encontros presenciais que tivemos no Polo de Anápolis no percurso 4, em 2019, na disciplina de Pintura, quando em uma atividade nos foi proposto a realizar um autorretrato com tinta acrílica em um suporte de papel plissado (conhecido comumente como “papelão”). Nesse percurso, uma grande descoberta aconteceu, em um processo criativo em conjunto com a turma em que passei por uma catarse com a realização da obra:

Encontra-se na própria obra da superação da contradição. Podemos compreender que a obra, por possibilitar a catarse, eleva as emoções antagônicas à condição de sentimento, no sentido de ser social, intencional e universal, na perspectiva de gênero humano. No indivíduo, pode provocar um salto qualitativo na organização psicológica, uma vez que a estrutura artística suscita emoções dialeticamente antagônicas, expressando a oposição entre forma e conteúdo, superadas por meio do processo de catarse, o qual promove a transformação dessas emoções. Conforme Vigotski (1999) a própria obra de arte deve oferecer em sua estrutura as condições para a catarse, ou seja, para a superação das emoções conflitantes trabalhadas na obra. A catarse, nesse sentido, diz respeito à transformação das emoções suscitadas em um novo sentimento. (Barroco; Superti, 2014, p. 30).

Assim, para melhor discorrer sobre a harmonia que buscava para chegar a essa identidade artística, que se promovia em minha poética quando encontrava um centro de equilíbrio entre intelecto e emoção, comecei a perceber desde o começo em minhas obras um jogo de opostos, não somente em um campo abstrato, como também, até mesmo pela perspectiva anatômica de meu corpo físico - já que possuo, como dito anteriormente, uma deficiência no olho direito - havendo em mim uma dicotomia física: um olho aberto e outro fechado, nos instrumentos orgânicos que possuo para minha experiência visual enquanto ser humano.

Conseqüentemente, me atentei à esta expressão dual e à síntese produzida pelas obras. Isso ficou marcado por duplas polaridades expressas em cores, formas e símbolos nas obras. Em minha experiência, essa catarse me auxiliou em um passo de autodescoberta enquanto indivíduo integrado a uma comunidade cultural, mesmo

que em nosso encontro presencial não houvesse outro artista participante do movimento de arte visionária. Assim, a partir dessa obra, ficou clara uma nova pista para minhas investigações e estudos acerca da arte que venho desenvolvendo: o autorretrato.

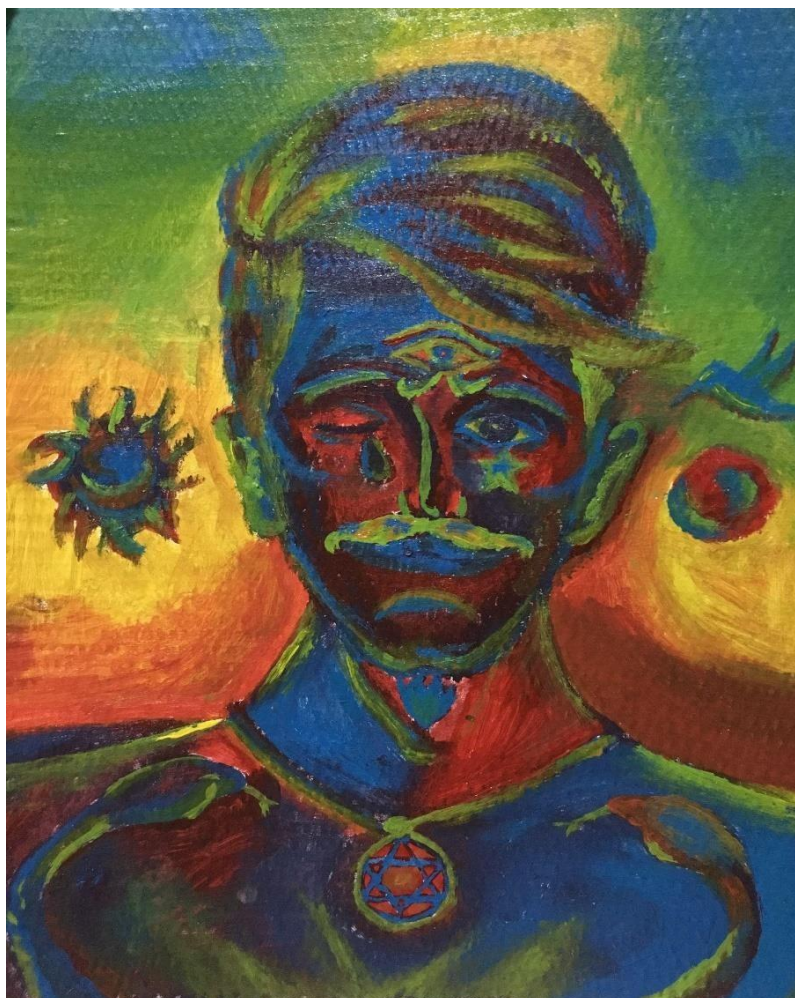


Figura 12 – Individuação. Acrílica sobre papel plissado. 32cm x 40cm. Fonte: elaboração própria, 2018.

É certo que, observando de uma perspectiva global, a descoberta de uma identidade artística em que um dos traços de unicidade são a realização de autorretratos, não é uma novidade. Muitos artistas, como Frida Kahlo, Van Gogh e, até mesmo integrantes do movimento artístico que me situo atualmente, Alex Grey e Amanda Sage, vêm realizando trabalhos artísticos em uma mesma comunidade.

Além desses quatro exemplos, observa-se na História, que não é algo tão novo assim, visto que já possuímos em nosso mundo literaturas que estudam esse tipo de trabalho artístico. O que busco trazer aqui, é apenas uma pequena descoberta simbólica, que tem como sentido o meu intento com a arte: o de conhecer a mim mesmo.

Porém, visto que boa parte de minha pesquisa com a arte se volta para um campo mais abstrato: o espiritual (já que essa busca se dá não somente a mim mesmo nas dimensões do ser humano conhecidas pela ciência, como também na aspiração de conhecimento espiritual), um novo desafio se apresenta: como trazer ao meio acadêmico questões tão subjetivas e abstratas?

A partir desta questão, dá-se a condensação dessas ideias espirituais e filosóficas às linhas aqui escritas, tanto para tornar acessível a outrem, principalmente, indivíduos brasileiros (visto que aqui o movimento de arte visionária está dando seus primeiros “passos” em direção a um olhar mais investigativo e científico acerca do tema), quanto para um posicionamento justo enquanto artista visionário e ser humano, inserido no contexto acadêmico, já que parte de minha intenção enquanto artista é também a de compartilhar com a sociedade a mensagem individual (de minha experiência) e coletiva (da comunidade visionária e além); de maneira que o conhecimento adquirido possa se democratizar e ser compartilhado com pessoas para além da comunidade visionária.

Portanto, para melhor organizar o entendimento acerca da trajetória de autodescoberta, mesmo a nível espiritual, e para melhor elucidar sobre os autorretratos e sua relação com uma espiritualidade prática, ou seja, que parte de uma decisão pessoal de me conhecer e é posta em ação (no caso aqui nas experiências diversas de minhas vida e no próprio fazer artístico), será contextualizado posteriormente no capítulo relativo ao movimento de arte visionária, para que então possamos contemplar melhor a “ponte” entre esse desenvolvimento da consciência sobre mim, enquanto ser humano, integrando a esse termo elementos que o compõe de uma perspectiva da psicologia analítica junguiana: Anima (alma) e Animus (espírito) e, como discorre Murray Stein em Jung - O mapa da alma :

[...] De um certo ponto de vista, não há muita diferença no significado entre esses dois termos latinos. Se pensarmos na alma (anima como algo que abandona o corpo na morte, como os gregos e romanos supunham, é descrito como um sopro ou ar, e captar o derradeiro sopro de vida quando ela abandona o corpo de uma pessoa é captar-lhe a alma, Assim, os termos espírito e alma são quase permutáveis. Além disso, ambas as palavras se referem ao mundo interior das pessoas, ao anímico e ao espiritual. As perguntas a formular a respeito dos nossos próprios anima e animus são: Que espécie de alma eu tenho? Que espécie de espírito? (Stein, 2006, p. 122).

Logo, aqui já começa a ficar clara ideia de uma expressão para além do campo da razão e da emoção e que, ao mesmo tempo, percorre por essas vias. Assim, a dualidade antes mencionada enquanto um jogo de polaridades, já pode ser tomada como uma busca por síntese, que se dá desde os olhos, quando compenso a ausência do direito nas artes com um terceiro localizado na frente, simbolizando esta consciência espiritual, das formas e cores opostas dispostas em duplas (como o azul e vermelho do autorretrato da Fig. 12), em uma obra.

É claro, Jung não está aludindo ao significado religioso de alma enquanto usa o termo anima. Não se refere a uma parte imortal do ser humano, como os autores religiosos tradicionais usam o termo. Ele está encampando o termo para a psicologia e propôs-se usá-lo para significar com ele o lado interno escondido da personalidade do homem. Da mesma forma, Jung não se refere com o termo animus a algo metafísico e transcendente - O Espírito Santo, por exemplo - mas, antes, ao lado interno oculto da personalidade da mulher (Stein, 2006, p. 123).

A busca por uma síntese pode ser compreendida também como uma necessidade de integrar os opostos, para a criação de um terceiro elemento ou obra, como acontece em diversas espécies e, a título de exemplo, também na raça humana, em que para a concepção de uma nova vida humana, é necessário que dois sexos (masculino e feminino), copulem entre si ou realizem práticas alternativas como a inseminação artificial para a geração de um(a) novo(a) indivíduo humano(a).

Para isso, comecei a partir de minha disciplina diária, a adicionar criatividade às diversas ações e compromissos. No último ano do ensino médio, em 2013, havia experimentado o processo criativo voltado à escrita poética pela primeira vez. Assim, em 2016, a escrita retornou aos poucos compondo o processo criativo das obras que vinha realizando, em paralelo e em cadernos.

Foi quando, em meados do fim de 2017 e início de 2018, comecei a ritualizar o processo criativo, partindo da ideia da cultura e da semente, “plantando” assim aos domingos ou no início de ciclos (de nosso calendário gregoriano), poesias que estimulassem a criatividade e dessem início ao processo criativo também das pinturas, desenhos e expressões artísticas diversas. Transcrita abaixo, um modelo de poesia que era realizada de maneira ritualística, aos domingos (primeiro dia do ciclo semanal), em que intencionava aquilo que gostaria de viver durante a semana e o como do processo criativo da arte visual e visionária a ser realizada:

### **A inteligência criativa**

Qual o cerne da Filosofia?  
 Maestria que guia minhas poesias...  
 Meu último desejo é  
 És livre gênio. Assim é.  
 Meu amigo gênio segue sempre comigo,  
 Sozinho, só olhava para o meu umbigo  
 Eu pinto o que eu sinto  
 Constante e em ritual, a verdade eu digo.  
 A Verdadeira Filosofia  
 É a aplicada sabedoria  
 De uma infinita inteligência criativa.  
 I was born to be happy and to be like this I will learn the lesson of the number seven<sup>1</sup>  
 Akasha é a vastidão do meu coração,  
 Eterno símbolo do irmão que agora recebe o perdão,  
 Adeus rancor, agora aprendo pelo amor  
 Salto Criativo me faz compreender o propósito da Beleza.  
 Para sempre aprender, sempre agradeça!  
 Encontro a individualidade quando é integrada a destreza.  
 Um com o gênio, minh'alma com arte supera milênios!  
 Um com o momento, supero até o tempo!  
 A verdadeira Filosofia vem do sentimento  
 Sentimento que nos põe em movimento  
 Como Hermes, serei três vezes Grande”  
 I'm a genius, not a dumb!  
 Invidualidade enxerga a sua meta,  
 Visionário, percebo a seta,  
 Sou Artista de meu próprio destino  
 Já toquei o sino.

Fonte: elaboração própria, 2020.

<sup>1</sup> Eu nasci para ser feliz e para ser assim eu aprenderei a lição do número sete.

A ideia era a de realizar um tipo de planejamento menos descritivo (como lista de tarefas) e mais simbólico, deixando pistas nas poesias que escrevia, para viver experiências novas, inesperadas e necessárias (de acordo com o que meu inconsciente expressava), o que culminou em uma espécie de “prática de surpresa”, em que a “semente” plantada (a poesia) revelava em seu desabrochar ao longo da semana as inspirações necessárias para a realização de outras atividades (incluindo ações do cotidiano). Na sequência da poesia acima, foram realizadas algumas pinturas com *brushpen*, dentre elas:



Figura 13 - A chama eterna do artista está acesa. *Brushpen* sobre papel. 23,5cm x 33cm. Fonte: elaboração própria, 2020.

Denise Maia discorre sobre esta mesma ideia, a partir também do pensamento de Christian Gaillard (“*Jung et les Arts*”) em que, os dois dialogam por seus dizeres, com a intenção inocente que tive ao realizar as poesias para impelir-me à ação:

Esta é a forma de deixar vir à consciência a percepção, as impressões e os sentimentos. A surpresa e a mobilização emocional são condições necessárias para que haja uma relação com o inconsciente. Para ele, a partir da “prática da surpresa” são evocadas representações arquetípicas que vêm do mais profundo de nós mesmos (Maia, 2005, p. 7).

Gaillard fala de uma observação fenomenológica que conduz então a estruturas organizadoras da psique. Como afirma a autora acima “[...] este é o papel de uma obra de arte, no encontro único e individual com o observador” (Maia, 2005, p.7). Inspirado pelo meu próprio processo criativo com as pinturas e tendo adicionado a poesia aos hábitos que se formavam com uma certa espontaneidade, busquei cada vez mais integrar a criatividade às outras áreas da vida. Essa nova percepção e busca também por uma totalidade (correspondente à síntese), impeliu-me a ver a vida como um todo, não mais separando a arte que fazia em suportes diversos como a tinta ou grafite, como também até questões rotineiras, como um processo de fazer artístico. Esse novo olhar, trouxe um crescimento gradativo à interpretação da vida e de suas componentes, trazendo profundidade simbólica para questões simples e rotineiras da vida (como varrer, fazer comida etc.).

Assim, formando-se esta síntese, uma nova analogia ao processo artístico começou a se revelar espontaneamente: nascer e morrer. Partindo desta nova perspectiva, o início da obra passou a ser visto também como um parto e o processo de conclusão, conseqüentemente, à morte. A vida, portanto, ganhou um novo conceito filosófico pessoal para mim, sendo agora análoga ao artista, que nasce em cada obra artística (neste caso, os autorretratos) e continua mesmo após a conclusão de uma obra (a morte simbólica), abrindo espaço (tempo para realização e recursos artísticos) nascimento de novas.

Assim, a antítese popular, da vida que se opõe a morte, acaba. Por essa inspiração, a percepção de detalhes que anteriormente eram julgados como erros

por mim, passaram a ser mais aceitos como componentes da obra de arte e, conseqüentemente, composições simbólicas de minha identidade artística.

A disciplina criativa que se formava, foi se refinando cada vez mais, colocando-me mais receptivo às surpresas que a vida me trazia, desde fazer pinturas em caixas de pizza a me abrir para outras linguagens da arte (processos que serão discorridos no capítulo 3, onde falaremos sobre os autorretratos). Os anos de 2020 e 2021, foram desafiadores de se viver em todos os aspectos, para mim, considerando a condição de pandemia que foi vivida, o que, entretanto, proporcionou-me experiências internas (espirituais, mentais e emocionais) favoráveis ao fazer artístico. Períodos de grandes desafios, conflitos emocionais difíceis, em síntese, dificuldades da vida, sempre trazem revoluções pessoais que se manifestam pela catarse, em minha experiência, como arte.

Tendo passado por todas essas situações desgastantes, a criatividade se revelou como sendo uma “luz no fim do túnel” ou, como na “alegoria da caverna” de Platão, uma oportunidade de sair da mesma. Portanto, tomei a decisão de realizar a escrita deste trabalho de conclusão de curso, como realizo também um autorretrato: de maneira fluida e criativa para que, além do conteúdo dos textos, a banca e demais leitores que almejem se aventurar por essa experiência, possam compreender pela própria leitura as motivações e detalhes do meu processo criativo.

Agora, um pouco antes de mergulharmos nos autorretratos, faz-se necessária a conscientização acerca do conceito e movimento de Arte Visionária, para que seja aqui compreendida a motivação intrínseca tanto das diversas práticas criativas e experiências pessoais que me conduzem à um aprimoramento técnico, quanto às obras concluídas e seu conteúdo que também possui raízes nos férteis da contracultura.

## CAPÍTULO 2 - ARTE VISIONÁRIA: UM CAMINHO ATEMPORAL

### 2.1 O QUE É ARTE VISIONÁRIA?

Conceituar arte visionária é uma tarefa que vem desafiando artistas do mundo todo e, um dos motivos, é por esse tipo de arte (e movimento) ser relativo a campos da consciência ainda pouco explorados pelas academias de ensino superior.

Por exemplo, como considerar real o processo de criação de uma arte a partir de uma visão interior do artista, que evidencie um ENOC ? Uma tarefa difícil, mas que, ainda assim, há aqueles que não são artistas visionários e aqueles que são. Visto que a ciência ainda não comprova a existência de entidades como Deus, Céu, Inferno etc. e, em síntese, questões acerca do espiritual e divino.

Discussões como essas são uma oportunidade de avançarmos tanto como pensadores e artistas, como também de a ciência poder dar um passo em direção a este território desconhecido e/ou oculto ao conhecimento acadêmico. Porém, realizando aqui um trabalho de conclusão de curso, não poderia simplesmente responder isso tal como a resposta que dão às crianças quando não sabem o motivo de algum por quê: “porque sim” ou “porque não”. Para iniciarmos nosso entendimento sobre o que é uma arte visionária e do que se trata este movimento, faz-se imprescindível o conhecimento acerca de estados de consciência:

Todos nós estamos familiarizados com os principais estados de consciência, que são os de vigília, de sonho e de sono profundo. Neste exato momento, sua consciência se encontra no estado de vigília (ou, se estiver cansado, talvez num estado de devaneio). Existem todos os tipos de diferentes estados de consciência, incluindo os estados meditativos (induzidos pelo yoga, pela oração contemplativa, pela meditação etc.), estados alterados de consciência (como os induzidos por drogas) e uma grande variedade de experiências de pico, muitas das quais podem ser desencadeadas por experiências intensas como as de fazer amor, andar na natureza ou ouvir boa música (Wilber, 2007, p. 28).

Os estados alternativos de consciência e estados meditativos, podem ser também chamados de ENOCs, citados anteriormente. É também nesses estados que se dá a escrita criativa deste trabalho. Portanto, a história desse movimento pode ser tão antiga quanto os primeiros momentos contemplativos/meditativos do

ser humano, logo, não é a intenção aqui neste capítulo e trabalho, trazer dados históricos acerca do tema, visto que o propósito é de se realizar uma pesquisa que seja reflexo de minha própria produção artística, elucidando também sobre o movimento do qual faço parte.

Levantando o questionamento sobre o que é Arte Visionária, um dos pontos em que se pode considerar para começarmos a sintetizar uma resposta, é que existiram artistas visionários desde antes do “Primeiro Manifesto da Arte Visionária” ser escrito por Lawrence Caruana:

A Arte Visionária é tão antiga quanto os primeiros registros feitos nas paredes das cavernas pelos xamãs ou as misteriosas espirais esculpidas nas rochas megalíticas. Nossa arte está presente entre os egípcios, mesopotâmios, minoicos e os antigos gregos. Na América Central, se desenvolveu entre os Astecas, Maias e Olmecas. No Oriente, ela atingiu um alto grau de refinamento na arte Hindu e Budista. De fato, em todas essas antigas culturas, ela adquiriu quase uma forma pura de expressão, como as representações da criação do cosmos e de Deus, do herói sagrado e de sua morte e renascimento - todas elas aparecendo espontaneamente e vivas em um único estilo cultural, nos quais a linguagem visual é próxima da perfeição em sua expressividade (Caruana, 2013, p. 7).

Dessa maneira, o artista visionário existe desde muito antes da ideia de o movimento ser concebida, considerando artistas visionários alguns dos já estudados na História da Arte, como Leonardo da Vinci, Hieronymus Bosch, Hilma af Klint, dentre outros.



Figura 14 – Anunciação. Óleo sobre painel. 217cm x98 cm. Galleria Degli Uffizi, Milão, Itália. Leonardo da Vinci. Fonte: Google Art and Culture (online), por volta de 1472.

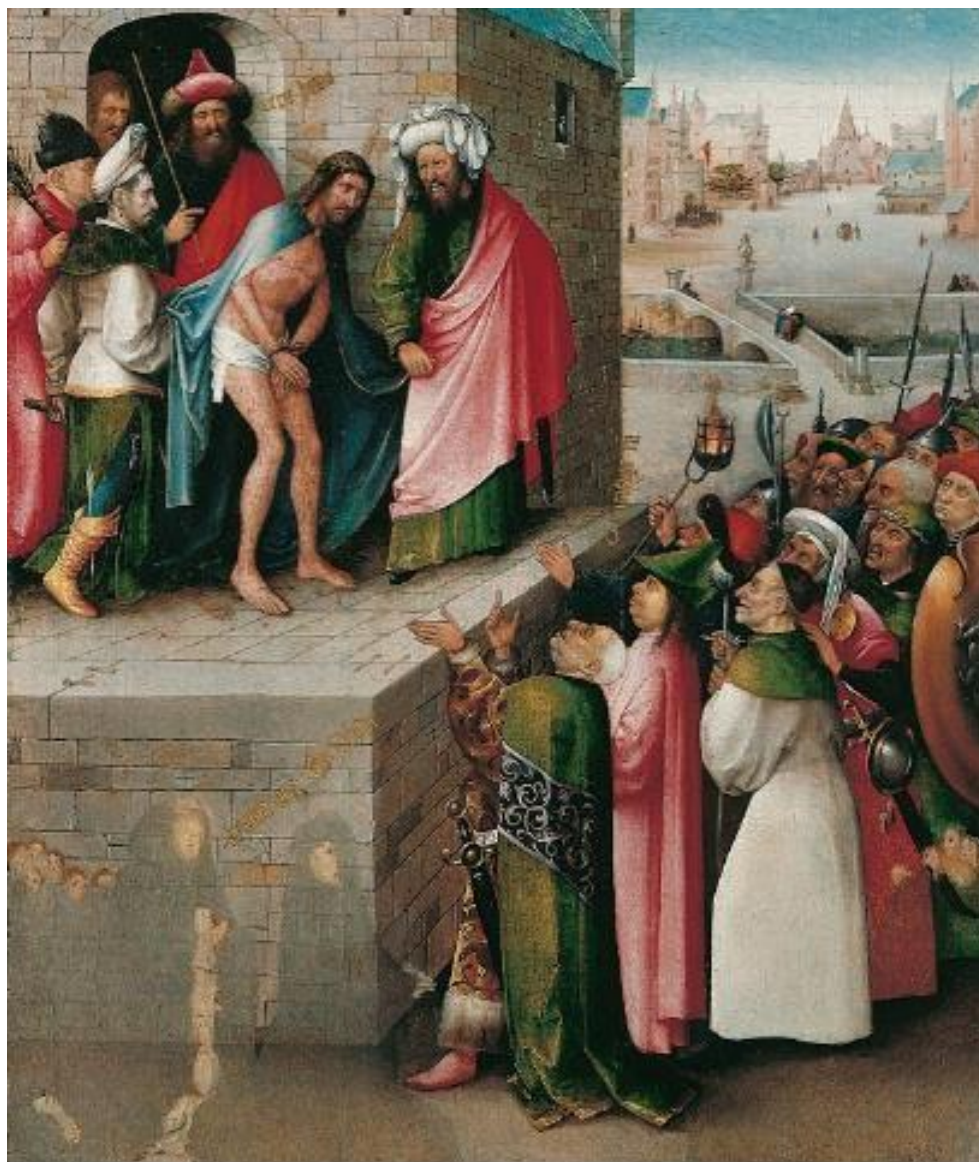


Figura 15 – Ecce Homo. Óleo sobre madeira. 71cm x 61cm. Städel, Frankfurt, Alemanha.  
Hieronymus Bosch. Fonte: Google Art and Culture (online), por volta de 1500.

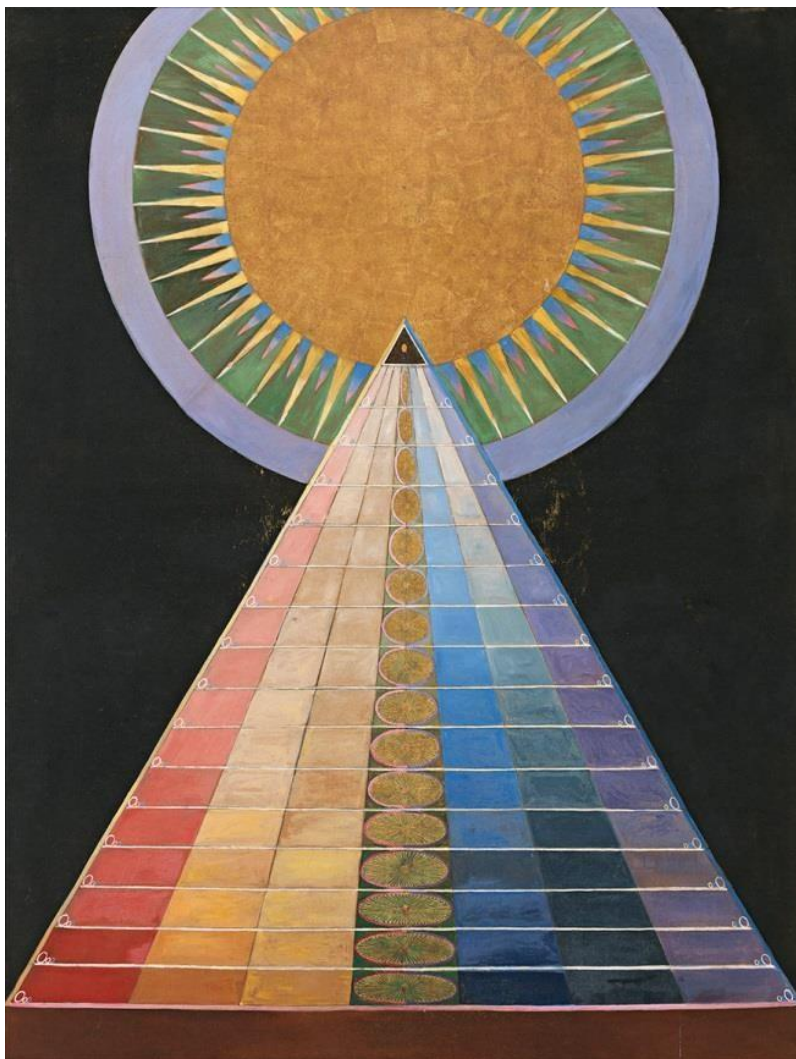


Figura 16 – Altarpiece - No. 1 - Group X. Têmpera sobre papel. 185cm x 152cm. Estocolmo, Suécia. Hilma af Klint. Fonte:wikiart (online), 1907.

Isso pode servir de base para a compreensão do movimento, visto que seu conceito dialoga com o estilo de artistas do passado, do presente e também, abrindo a possibilidade para integrar aqueles que virão no futuro. Entretanto, há de se considerar que há um limiar entre surrealismo e arte visionária, mesmo havendo artistas como Salvador Dalí, que pela história comumente conhecida é tido como surrealista, sendo também considerado como artista visionário em “O Primeiro Manifesto de Arte Visionária” de Laurence Caruana. Casos como este, podem confundir quem ainda não está inteirado acerca do conceito do movimento de Arte Visionária. Para tanto, façamos com o autor do manifesto, a distinção:

Onde os Surrealistas tentaram, através do estado onírico, se elevar às mais altas realidades (e contra o uso de psicoativos) os artistas visionários usam tudo a sua disposição - mesmo com grande risco pessoal - para acessar diferentes estados de consciência e expor as visões resultantes. Os artistas visionários buscam mostrar o que repousa além das fronteiras de nossa percepção. Através dos sonhos, transe ou outros estados alternativos, o artista busca ver o invisível (ou o mundo dos espíritos) - atingindo um estado visionário que transcende nosso modo ordinário de percepção. A tarefa que o espera, conseqüentemente, é comunicar suas visões de forma reconhecível como na 'visão do dia-a-dia' (Caruana, 2013, p.1).

Dessa maneira, devemos considerar que traços de abstração como os da arte abstrata, distorções do surrealismo e *optical art*, não determinam necessariamente o estilo de uma obra enquanto arte visionária, visto que se considera por este movimento muito mais o conceito, intenção e o "como" do processo, que são mais voltados para um sentido espiritual, que técnico ou intelectual.

Apesar disso, há algumas noções técnicas que são geralmente consideradas relevantes nas obras de arte visionárias, como o uso da perspectiva, proporção áurea, estudo de cores, geometria etc. Tais técnicas e conhecimentos são geralmente utilizados, uma vez que aproximam o artista de noções espirituais, como por exemplo a perspectiva, que possibilita ao artista evidenciar uma profundidade nos desenhos. E essa profundidade possibilita uma liberdade maior dentro de um suporte plano e bidimensional, como as telas:

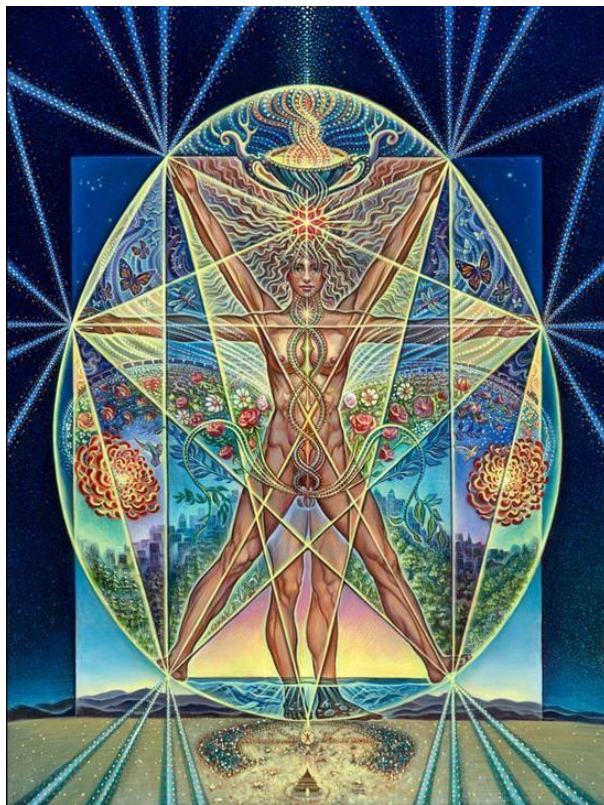


Figura 17 – Vitruvian Human<sup>2</sup>. Acrílica, caseína e óleo sobre madeira. 30,5cm x 40,6cm. Localidade indeterminada. Amanda Sage. Fonte: amandasage(online), 2016.



Figura 18 - Net of Being<sup>3</sup>. Óleo sobre linho. 457cm x 229cm. Entheon, Nova Iorque, Estados Unidos. Alex Grey. Fonte: alexgrey (online), 2007.

<sup>2</sup> Humano vitruviano.

<sup>3</sup> A teia do ser.

Lembrando que não são as técnicas em si que determinam o caráter visionário de uma obra, mas que algumas técnicas possibilitam ao artista navegar por noções espirituais e abstratas, de forma que seja capaz de reproduzir suas visões por meio de alguma expressão artística, como na imagem da obra acima, que é uma das principais obras de um artista visionário contemporâneo e grande referência para o movimento no mundo todo.

E, finalmente, a qualidade mais difícil de “ser visionário” não está na técnica. Não adianta ser um grande pintor, desenhista ou ilustrador, nem seguir alguma tendência estética ou contemporânea. A questão está no produto final do artista, ou seja, conseguir trazer para a tela, com absoluta fidedignidade, e de maneira original, as visões que teve. (Mikosz, *in*: artevisionaria - online).

Para a realização das obras acima (Fig. 17 e Fig. 18), “O humano vitruviano” e “A teia do ser”, Amanda Sage e Alex Grey, respectivamente, utilizaram de várias técnicas, dentre as quais a perspectiva, que permite ao observador imaginar uma linha de horizonte que se estende ao infinito. Portanto, na arte visionária, as técnicas estão a serviço do artista para a expressão de uma ideia ou arquétipo, de caráter atemporal, como também era feito por artistas mais antigos que o primeiro manifesto do movimento:

Embora muitos artistas visionários tenham aparecido ao longo do tempo, cada um trouxe as marcas de sua época e de seu estilo cultural, seus trabalhos também revelaram os vestígios de algo oculto, algo registrado muito mais profundamente: o estilo atemporal dos arquétipos; o estilo primordial que se manifestava desde o princípio (Caruana, 2013, p. 6).

Por essas vias podemos explicar bem por que alguns artistas mais antigos do que o movimento da Arte Visionária são considerados artistas visionários por Caruana no manifesto. Para melhor compreensão, basta pensarmos que ao se falar de atemporalidade, estamos tentando levantar ideias a um conceito para além do tempo usual e linear, sendo este último dividido de maneira sintética em passado, presente e futuro.

Tal conceito estaria mais análogo a um sentido espiritual/místico, eterno e não efêmero, mesmo que as obras sejam traduzidas no plano material, por meio de desenhos, pinturas, filmes, danças etc. O artista visionário, portanto, funciona como uma ponte entre o plano espiritual e o plano material, em que por meio de suas

visões espirituais alcançadas em ENOCs, as traduz em alguma expressão artística, levando a sua visão para o olhar de outras pessoas.



Figura 19 – Vine. Óleo sobre gessoboard (Torri Superiori com Maura Holden no Mischtechnik Seminar). 40cm x 30cm. Localidade indeterminada. Mikosz. Fonte: mikosz (online), 2007.

No Brasil, há grandes referências do movimento de Arte Visionária, como o artista Mikosz, da obra acima (fig. 19), que é também professor e pesquisador, tendo contribuído inclusive com a tradução de “O Primeiro Manifesto de Arte Visionária” de Laurence Caruana. Edgar Franco/Ciberpajé e Matheus Moura, mencionados no primeiro capítulo, também realizaram uma grande contribuição para a Arte Visionária em trabalhos acadêmicos e na linguagem dos quadrinhos, rompendo com qualquer estereótipo que venha associar Arte Visionária à apenas um tipo de linguagem ou expressão artística:



Figura 20 - Página 4 da HQ Presença, de Edgar Franco e Matheus Moura. Fonte: Silva, 2018.

Matheus Moura, reforça esta ideia acerca da linguagem, quando diz:

Não importa em qual linguagem das artes, seja música, pintura, teatro. Nas histórias em quadrinhos, assim como na história da arte – como é demonstrado por Mikosz (2009) – as representações de visões, independentemente do método para alcançá-las, tanto por meio de uso de psicotrópicos ou não, são realizadas há anos, ou melhor, milhares de anos. (Silva, 2015, p. 2).

Como artista visionário, pinto em minhas telas as visões e experiências místicas que vivencio e os sentimentos são a matéria prima da ponte que realizo entre o plano físico/objetivo e espiritual/subjetivo. Caminhando pela via do movimento de Arte Visionária e aliando ao fazer artístico de autorretratos, busco conhecer a mim mesmo não somente nos campos do corpo físico, mente/intelecto e emoções, mas também o campo espiritual, ainda pouco explorado pela ciência e que neste trabalho que aqui escrevo, determino a deixar pistas que possam inspirar o leitor ou aspirante a artista, a ir nessa aventura por um território tão desconhecido que é o espírito ou alma, oculto(a) em sua própria imagem.

## 2.2 RENASCIMENTO: O CAMINHO DE UM ARTISTA VISIONÁRIO

Como dito anteriormente, a retomada no caminho artístico em minha vida se deu a partir de uma experiência com *Ayahuasca*. Além dessa experiência, vale considerar outros aspectos do meu caminho enquanto indivíduo, sendo um deles, o de vir de uma família cristã/católica, o que desde cedo me trouxe alguma aspiração aos conhecimentos místicos.

Por haver discordâncias entre o que acreditava e o que era me ensinado nos rituais cristãos/católicos (missas), na adolescência, defini-me como agnóstico e, logo em seguida, como ateu, iniciando um ciclo que se findaria aos 20 anos, quando a partir de experiências com enteógenos como a *ayahuasca*, pude alinhar minha compreensão a um sentido que me permitisse acreditar em um plano espiritual e realidades incognoscíveis ao intelecto humano.

Nesse período, estava cursando engenharia mecânica e desestimulado com o rumo que vinha tomando enquanto profissional e ao iniciar a leitura de um livro hindu intitulado “Bhagavad Gita”, aliado ao trabalho espiritual com a bebida *ayahuasca* em um Centro de Santo Daime, Céu de Sant’Ana (em Anápolis, Goiás), recordei-me de um desenho que realizara aos três anos e que já não mais possuo, feito a partir de uma animação da *Disney*: O Rei Leão. Assim se deu a retomada, considerando que no mesmo ano (2017) me inscrevi para o vestibular da Licenciatura em Artes Visuais EAD da UFG, e realizei essa transição de carreira.

A caminhada artística foi retomada com um propósito agora profissional, devocional e humano, visto que não a concebo apenas como um meio de aquisição monetária, mas também como uma caminhada de desenvolvimento pessoal, interpessoal e espiritual.

A vida espiritual, a que a arte também pertence e de que é um dos mais poderosos agentes, traduz-se num movimento para frente e para o alto, complexo, mas nítido, e que pode reduzir-se a um elemento simples. É o próprio movimento do conhecimento. Seja qual for a forma que adote, conserva o mesmo sentido profundo e a mesma finalidade. (Kandinsky, 2015, p. 31).

Por esta via, de fazer arte por uma senda mística, comecei a realizar minhas primeiras pinturas em tela com temas espirituais, sendo a primeira uma releitura de uma obra de arte digital de James Budinick, mas que sintetizava a experiência espiritual que vinha tendo e assim decidi relê-la com tinta óleo:

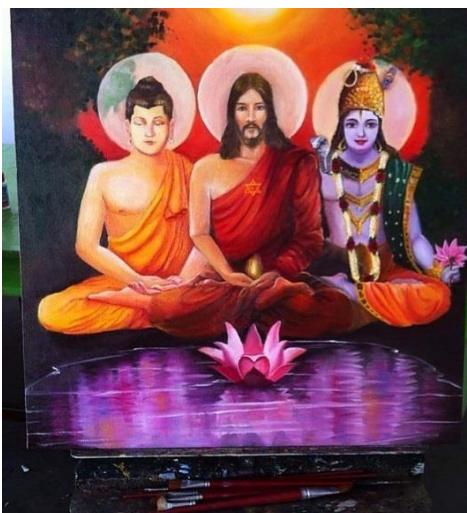


Figura 21 – 3 Sóis. Óleo sobre tela. 60cm x 60cm. Fonte: elaboração própria sob a orientação do professor Napefi em seu ateliê particular, 2017.

A única imagem que possuo dessa pintura é esta acima e pode-se observar pela fotografia mal enquadrada, que ainda estava me ajustando ao novo caminho escolhido, o que porém, traz uma poética espontânea quando vejo a foto acima com o olhar que tenho hoje. Por ser também uma releitura, tal obra, durante seu processo de desenho e pintura, me trouxe bastante incômodo, visto que já queria criar. Foi quando, ao ser finalizada e doada ao centro espiritualista Céu de Santana, em que consagrei a *ayahuasca* por alguns anos, que dei início a uma nova pintura (Fig. 22), também com temática espiritualista:

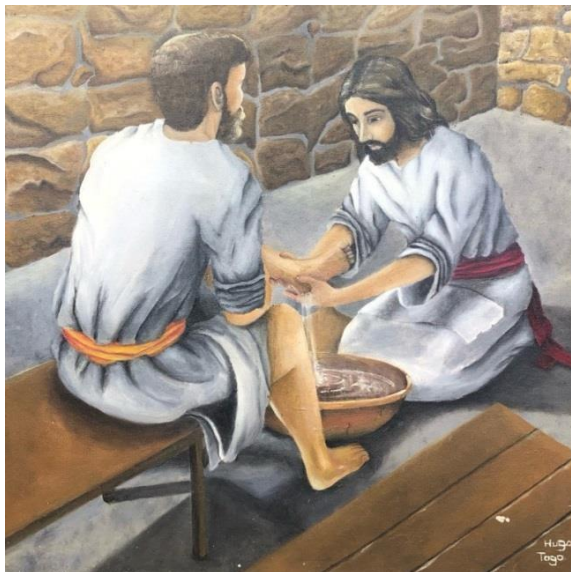


Figura 22 - O servo. Óleo sobre tela. 60cm x 60cm. Fonte: elaboração própria sob a orientação do professor Napefi em seu ateliê particular, 2017.

A temática e esse estilo de pintura prosseguiram por algum tempo até começar a me questionar sobre o porquê fazer as pinturas em tela em um estilo que não correspondia ao que fazia de maneira mais espontânea em desenhos mais rápidos. Fazia desenhos com lápis de cor sem antes fazer um esboço com lápis de grafite (o que ajudaria já que poderia apagar), com o intento de expressar com maior fidelidade o que queria. Seguindo pela reflexão a partir desse questionamento, levantei mais um sobre autenticidade, buscando compreender o que seria de fato uma identidade artística.

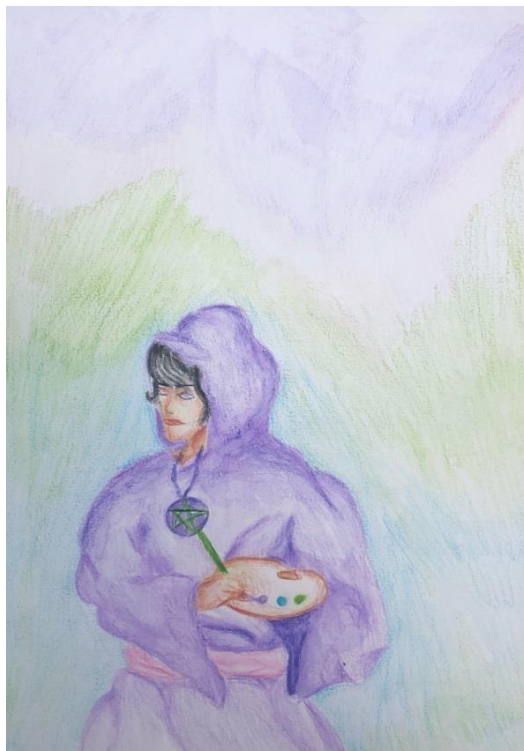


Figura 23 - Sem título. Lápis de cor aquarelável sobre papel A4. Fonte: elaboração própria, 2018/2019.

Mesmo com as mudanças, foi preservada a temática, com espontaneidade, visto que mesmo em minhas leituras, o que mais buscava era um aprimoramento e desenvolvimento espiritual. Com esse avanço, pude perceber que cada vez mais os autorretratos se faziam presentes e alguns instrumentos artísticos passaram a ser explorados com maior profundidade (tintas aquarela, acrílica e solúveis em água), no lugar de outros (tinta óleo, grafite etc.) que aos poucos foram deixando de ser tão presentes como eram em meu fazer artístico.

Cada acontecimento foi sendo interpretado de maneira que percebi um traço de fluidez e inocência, sendo este último aspecto, sinalizado pelo meu professor de pintura Napefi, em seu ateliê (onde recebia suas instruções). A partir de então, e incentivado por um amigo, passei a considerar a aquarela (por ser uma técnica fluida, devido a água) como uma técnica mais análoga à minha prática.

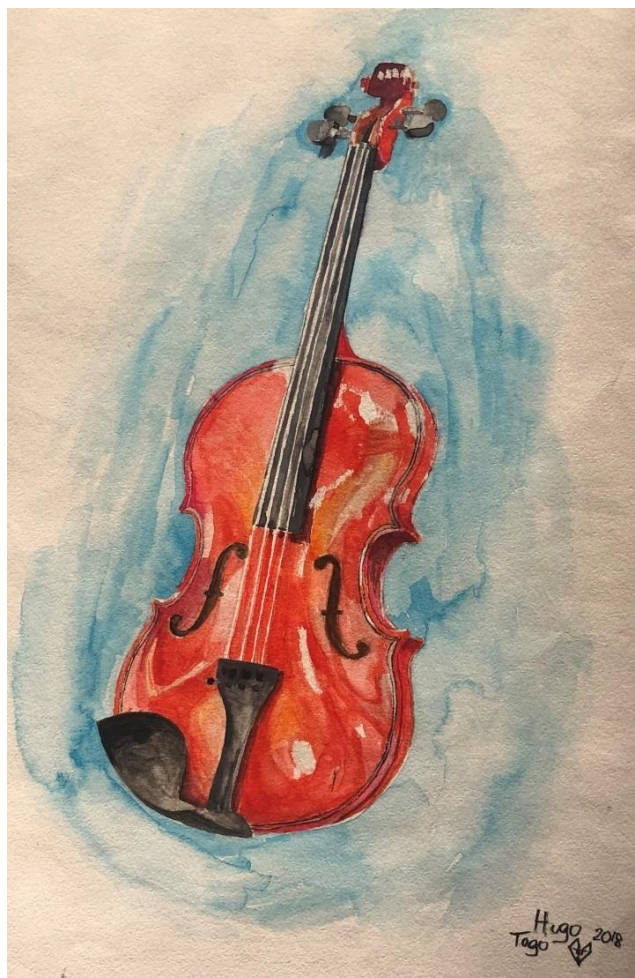


Figura 24 – Sem título. Aquarela sobre papel A4. Fonte: elaboração própria sob orientação do professor Napefi na Escola de Artes Osvaldo Verano, 2018/2019.

Além da consagração constante da bebida *ayahuasca*, mantive-me estudando em escolas e organizações sem fins lucrativos, como a Antiga e Mística Ordem Rosacruz, Nova Acrópole e centros espiritualistas que transferiam seus ensinamentos em harmonia com o que vinha vivenciando. Conforme observava meus processos, também vinha observando a mim mesmo, já que percorria por caminhos que incentivavam tal busca (autoconhecimento); percebia que o ato verdadeiramente criativo e autêntico na expressão artística se dava quando conseguia romper a tensão que sentia em começar fazer algo criativo (catarse) e passava para um estado de coerência comigo mesmo, criando, com fluidez e espontaneidade:

Ser espontâneo é, no sentido amplo que a palavra tem, poder ser livre. Se, pois, até aqui formulamos que a espontaneidade corresponde à possível coerência na pessoa, queremos agora estender a ideia da espontaneidade como abrangendo uma forma de autonomia interior e um grau mais alto de liberdade de ação ante possibilidades de viver e criar (Ostrower, 2014, p. 150).

Já percebendo alguns traços de identidade em meu trabalho, sinalizados também pela professora e orientadora deste TCC, Leda Guimarães, o processo criativo foi se afunilando e a identidade artística tomando uma forma mais precisa, ainda assim fluida, como será mostrado no capítulo seguinte, acerca de autorretratos.

Um traço potente sinalizado pela professora na disciplina de Pintura, foi o de ser um artista simbolista. Muitos dos símbolos expressos nas minhas artes são símbolos antigos e que merecem uma atenção especial, visto que correspondem seus significados a aspectos de minha individualidade e unicidade enquanto ser humano, que levam a me identificar mais intensamente com o movimento de arte visionária, até passar a me afirmar enquanto artista visionário nos meios em que frequente e/ou compartilho meu trabalho.



Figura 25 - A libertação de um artista místico. Aquarela sobre papel A3. Fonte: elaboração própria, 2019/2020.

A obra acima (fig. 25) foi um marco, pois utilizei uma técnica (aquarela) que me é mais harmoniosa/análoga por preferência e, também, realizei um autorretrato que traz em síntese quem sou nos meus aspectos internos e subjetivos (sentimentais e espirituais). Ademais, enquanto artista visionário, não há como separar o processo de me expressar criativamente e de ser quem sou. Expressando-me criativamente, a válvula que sempre busco para tal liberação é a das Artes Visuais e o que é expresso sempre se dá a partir de alguma experiência espiritual ou vontade e intenção cuja direção se volta para um desenvolvimento espiritual e de cura de traumas.

Considerando tudo isso, manifesto-me aqui enquanto artista visionário, visto que tal movimento e comunidade, são análogos ao meu processo criativo, de evolução espiritual e humana. Os autorretratos, por sua vez, são a maneira que encontrei e que encontro, de entrar em contato com uma consciência que há em mim, além e superior à do intelecto, em um nível mais intuitivo e espontâneo. E assim finalizamos o presente capítulo, para nos aprofundarmos no tema deste TCC (arte visionária e autorretratos).

### **CAPÍTULO 3 - AUTORRETRATO: O INÍCIO DE UM PROCESSO ARTÍSTICO, ESPIRITUAL E HUMANO**

É comum ao artista querer ser independente e autêntico, portanto a busca por uma identidade que o represente costuma ser recorrente no meio artístico. Porém, o que se sabe, é que não é tão simples quanto se parece, na medida em que o ser humano é um ser social e sempre recebe estímulos e influências por diversas fontes, sejam elas sensoriais, intelectuais, sociais e até mesmo espirituais.

Motivado por conhecer a mim mesmo e inspirado por Júlia Cameron em seu livro “O Caminho do Artista”, que meu processo se consolidou em uma disciplina criativa cujo intento é trazer para o suporte em que estiver trabalhando, a experiência real e autêntica que tenho vivenciado. Escrever seguindo o fluxo de pensamentos e sem restrições (páginas matinais), somado a realizar encontros comigo mesmo (encontro com o artista), foram atividades que me acompanharam ao longo dos anos.

Nos momentos de escrita, seja de páginas matinais ou poesias, conseguia resolver parte da tensão que vivia quando estava prestes a desenhar e pintar e, realizar encontros comigo mesmo me permitia e permite até hoje, momentos únicos de observação de mim mesmo. A autora descreve melhor quando diz que:

Pense na combinação dessas ferramentas como um transmissor e um receptor de rádio. É um processo de dois passos, bidirecional: para fora e depois para dentro. Ao fazer as páginas matinais, você estará enviando – notificando a si mesmo e ao Universo sobre seus sonhos, insatisfações e esperanças. Ao fazer o encontro com o artista, você estará recebendo – abrindo-se a descobertas, inspiração e orientação (Cameron, 2017, p. 45).

Através dessa busca, determinada e intensa, de encontrar a mim mesmo, comecei a me perceber sozinho e a sentir a necessidade de compartilhar meu trabalho, de interagir com pessoas que vivem um propósito semelhante ao meu: artístico e místico. É também a partir dessa necessidade de viver em sociedade, com mais leveza, fluidez e espontaneidade, que me senti desafiado a continuar minha busca por um meio de expressão único, criativo e autêntico. Foi então que os autorretratos passaram a ser uma via desta expressão, pois a poética já estava

pronta por esse tipo de arte: a de criar a mim mesmo, a partir de quem sou e como sou.

Os artistas hoje utilizam o próprio corpo como instrumento de questionamento da realidade atual. Desta forma, o autorretrato além de representar pictoricamente seu autor permitindo-lhe uma investigação psicológica, abre espaço para discussões da realidade. O autorretrato do homem moderno não consegue deixar de transmitir as angústias do seu tempo (Maia, 2005, p. 22).

Uma de minhas angústias, eu percebi como possível representação, o meu olho direito, já que por muito tempo vinha me julgando ou fugindo do julgamento alheio, tendo chegado até a me isolar, por medo da crítica. O meu olho direito, por ser diferente do dito normal, é também o que me faz diferente de muitos, portanto, também único em algum nível. Isso com olhar objetivo ao corpo físico, já que popularmente, chamamos os olhos de janelas da alma, o que faz com que do físico, possa começar uma reflexão mais profunda sobre emoções, mente, espírito e claro, conforme o conteúdo interno de quem aprecia a obra. Uma lição recorrente para mim enquanto faço e enquanto aprecio meu trabalho, é acerca do julgamento e a necessidade de um olhar imparcial, justo e sensível diante da vida.

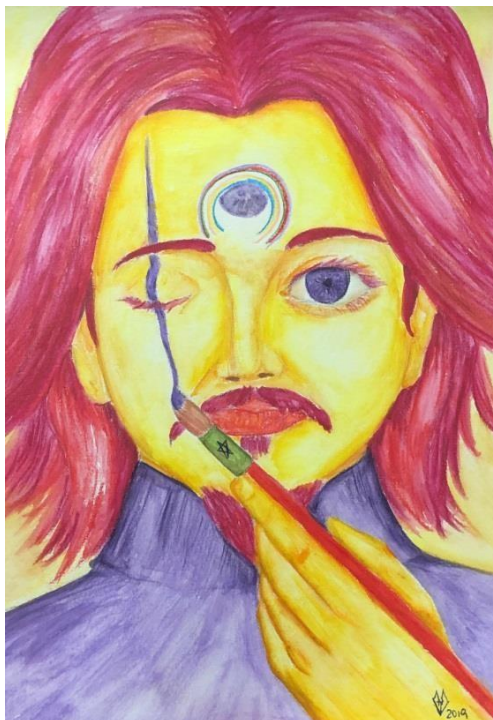


Figura 26 – Autorretrato. Lápis de cor aquarelável sobre papel A4. Fonte: elaboração própria, 2019.

O nosso corpo carrega em si as marcas de nossa história. Um exemplo para elucidar essa afirmação, a partir de meu próprio corpo, é o meu olho direito. Por ter uma deficiência visual que influencia na visualidade que ofereço ao outro, várias experiências se desdobraram a partir disso, dentre elas, a de buscar melhorar minha comunicação, relações etc. Para um ser humano introvertido, tal experiência se dá de maneira um tanto quanto conflituosa, tendo sido necessários vários tipos de terapias (psicológicas, psicanalíticas e até mesmo espirituais) para superar minhas dificuldades. O simples ato de criar e encarar minha deficiência, leva-me a abstrair e refletir sobre mim mesmo, possibilitando até mesmo, olhar por outras perspectivas acerca do que minha deficiência representa para mim e, conseqüentemente, permitindo-me ressignificar essa relação com minha imagem, transformando uma situação de autojulgamento para uma compreensão sobre mim mesmo.

[...] Ana Angélica Albano (2000), diz que as imagens atuam como espelho, onde o observador se vê e é conduzido a espaços profundos dentro de si mesmo. Essa idéia é compartilhada por Roberto Gambini (2000) que fala sobre os olhos do artista em um autorretrato servindo de espelho para o observador perceber seus próprios olhos. Segundo Gambini, o artista busca um olhar de compreensão e empatia para a própria subjetividade (Maia, 2005, p. 22).

A arte, enquanto uma forma de expressão, permite que o artista se integre a uma comunidade e exercite suas funções sociais, enquanto ser humano. As necessidades sociais de um indivíduo, incluindo a de superar dificuldades nas relações, são facilitadas quando se tem uma ferramenta que permite integração a um meio e a realização de trocas.

Isso se harmoniza ainda mais quando o artista começa a se conhecer em movimentos mais específicos (no meu caso, o movimento de Arte Visionária), já que estará trabalhando com temas que lhe são familiares, pela apreciação de obras, pelo fazer artístico e por contextualizar a si mesmo em um meio que lhe é análogo. Por essa perspectiva, podemos perceber que o autorretrato tem uma função extra aqui: a de comunicar quem somos e, conseqüentemente, nos apresentarmos e integramos a uma comunidade ou grupo social.

Considerando a retomada na caminhada artística em 2017, em meio a um processo de cura e desenvolvimento espiritual, desenhar e pintar autorretratos me pareceu oportuno, já que técnicas de artes visuais, mesmo ficando por quase 10 anos sem produzir com frequência e constância (apenas esporadicamente e como um *hobby*), sempre me pareceram fluidas e de uma prática que me é familiar.

Porém, como é meu modo de pintar a mim mesmo? Por qual estilo? Assim como se dá esses questionamentos aqui, neste TCC, deram-se na pintura, podendo assim tornar compreensível esse constante trabalho de aprofundamento que acontece durante o fazer artístico de um autorretrato. Pensando de maneira simples, por sempre me sentir angustiado com minha timidez/vergonha, conseguir fluir sempre foi de grande alegria para mim.

Dessa maneira, sem racionalizar muito os “comos” e os porquês, passei a pintar de maneira cada vez mais expressiva, às vezes, até sem usar pincéis, em um processo de constante interpretação do que estava fazendo e de auto-observação.



Figura 27 – Sentir. Acrílica sobre caixa de pizza (papel plissado). Dimensão em área 990,23cm<sup>2</sup> ou caixa de pizza tamanho médio. Fonte: elaboração própria, 2019.

Pensar em como me expressar em um autorretrato vai muito além da silhueta de meu rosto ou corpo, mas em realmente como farei, neste caso, a silhueta do rosto ou do corpo. Esse como, começou a ser expresso com base no que vivo e sinto (seja no campo emocional ou instintivo), buscando trazer também as experiências e lições de minha vida pessoal para as telas. A pluralidade de cores e as pinceladas quase que desinteressadas, foram o resultado que traduziu por um tempo quem sou e abriu um caminho para essa expressão autêntica e espontânea.

Ao buscar mais sobre identidade artística, o mais próximo que consegui encontrar acerca do tema, foi acerca do conceito junguiano de individuação e que é bem inteligível na perspectiva de Murray Stein, quando diz:

“[...] Jung usou o termo individuação para falar sobre desenvolvimento psicológico, que ele define como o processo de tornar-se uma personalidade unificada, mas também única, um indivíduo, uma pessoa indivisa e integrada” (Stein, 2006, p. 156).

Sendo a arte que busco fazer, uma expressão real e autêntica de quem sou e do que vivo, alinhar-me ao meu processo de individuação seria o caminho para a tal expressão.

O processo de individuação como citado anteriormente, leva o indivíduo a um processo de tornar-se uma personalidade unificada, o que com o tempo e inspirado por um amigo de infância, Felipe Armelin, comecei a buscar um sentido de desenvolvimento integral, não somente no campo da pintura e outras expressões das Artes visuais.

Ao observar minha própria vida, um artista considerado visionário por Caruana, foi percebido no dia e mês de meu nascimento, 15 de abril, data esta que fora a mesma do nascimento do artista renascentista Leonardo Da Vinci. É sabido que os artistas renascentistas tinham como característica o desenvolvimento em um sentido integral (atuando em várias áreas do conhecimento, além da arte) e, inclusive, Leonardo realizou um autorretrato, tendo também feito o homem vitruviano, que traz em sua composição a síntese do homem/ser humano microcômico/universal.

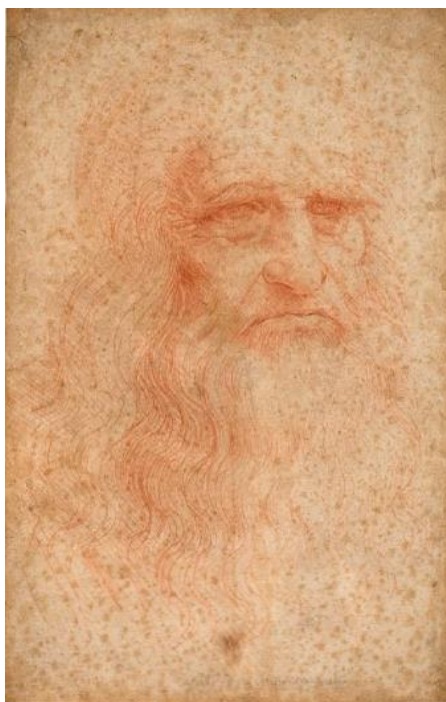


Figura 28 – Autorretrato. Giz vermelho e preto sobre papel. 333cm x213,5cm. Musei Reali, Biblioteca Reali, Torino, Itália. Leonardo da Vinci. Fonte: Google Art and Culture (online), 1517/1518.

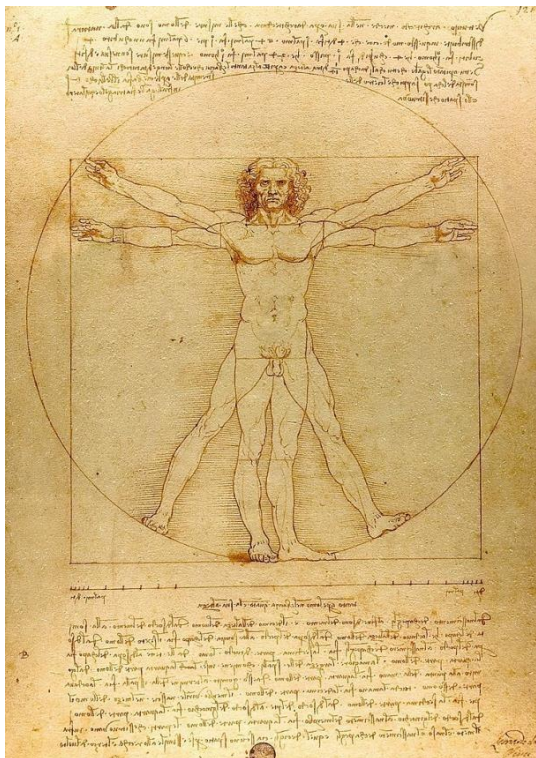


Figura 29 - Homem Vitruviano. Lápis e tinta sobre papel. 34x24cm.

Galleri dell Accademia, Florença, Itália. Leonardo da Vinci.

Fonte: homem vitruviano [...] (online). 1490.

Estabelecendo uma ponte entre um e outro trabalho, podemos interpretar que o autorretrato, por ser feito por um ser humano, é muito mais que a literalidade das formas objetivas ou do rosto de seu autor, mas também, traz em si, um conteúdo simbólico, com infinitas possibilidades de interpretações a quem aprecia.

Perceber essas aparentes coincidências, chamadas de sincronicidades e mais bem definidas por Stein a partir da Psicologia Analítica de Carl Jung, enquanto uma “[...] coincidência significativa entre eventos psíquicos e físicos” (Stein, 2006, p 186); fez-me recorrer à memória e perceber que desde minha infância me interesse pela causa dos acontecimentos concomitantes. O termo causalidade é melhor ressignificado por Jung enquanto sincronicidade em um ensaio seu, citado no livro “Jung: O mapa da alma”, de Murray Stein, sendo definida assim:

Não se pode falar de causa e efeito, mas de uma coincidência no tempo, uma espécie de simultaneidade. Por causa do caráter dessa simultaneidade, escolhi o termo sincronicidade para designar um fator hipotético de explicação equivalente à causalidade (Stein, 2006, p. 183).

Navegar pelas sincronicidades, portanto, se tornou um fio condutor de meu trabalho, visto que, enquanto artista visionário, em cada trabalho que realizo, há o intento consciente ou inconsciente de aperfeiçoamento e progresso espiritual. Essa navegação acontece quando encontro um ponto/sentido comum nos acontecimentos concomitantes ou, sincronicidades e me aperfeiçoou nas vias filosóficas e místicas, pela consciência, já que, como é dito por um antigo axioma da filosofia hermética e trazido na obra pelo pseudônimo de “Três Iniciados” intitulada “O Caibalion”: “O Todo é mente. O Universo é mental” (Três Iniciados, 2021, p. 167).

Interpretando e refletindo mais profundamente sobre esse axioma, eu, como parte do Todo, sou então parte da Mente deste Todo; sendo, portanto, a arte que manifesto, também Mental. Os autorretratos são a síntese e o mapa mental em que navego, para conhecer o “Todo” em mim mesmo. Essa navegação, que acontece de maneira criativa também neste TCC (intencionado por mim enquanto um autorretrato), permitirá ao leitor compreender um pouco mais do processo criativo vivido por mim e também, a causa de tamanha determinação em ser autêntico e romper com os limites que a vergonha me impõe. Dessa maneira, em uma pintura feita por mim, já não sou somente manchas de tinta e silhueta, mas uma síntese que em seu conteúdo expresso cada vez mais um todo integrado, único e indiviso, em que as sincronicidades são onde percebo o ponto em comum dos acontecimentos à minha volta e, as interpreto, objetivando encontrar um caminho em direção a um pouco mais de consciência acerca de mim mesmo, enquanto indivíduo humano.



Figura 30 - Navegação pelo caos. *Brushpen* sobre papel. 33cm x 23cm.

Fonte: elaboração própria, 2020.

Com as mudanças de estilo de pintura, que aos poucos foi deixando de ter a necessidade exacerbada de precisão técnica, para um estilo mais fluido e de pinceladas um tanto quanto despretensiosas, comecei a refletir também sobre técnicas de pintura, optando cada vez mais pela aquarela e acrílica, ao invés da tinta óleo, visto que comecei a perceber que esta última me tomava muito tempo e me proporcionava poucas experimentações.

No entanto, ainda considero a técnica da pintura à óleo bastante valorosa, mas que virá a ter uma funcionalidade maior para mim em um momento em que já tiver uma identidade artística mais sólida, quando houver passado a fase da experimentação enquanto intenção principal de meu trabalho. Trilhando o caminho desta maneira, estabelece-se harmonia entre o processo e técnica, permitindo-me criar com paciência e profundidade a obra de arte, com uma técnica cujo processo é relativamente lento, já que a tinta óleo leva tempo considerável para secar (sem materiais aditivos para acelerar a secagem).

A tinta acrílica, cuja secagem é mais rápida do que boa parte das tintas de outros materiais, utilizo em momentos de catarse intensa, por vezes sem desenhar no suporte antes de pintar, ou até mesmo, utilizando as mãos ao invés de pincéis. Repensei o uso de materiais de acordo com a sua natureza para facilitar o bom desempenho de sua funcionalidade, porém não estabelecendo esta regra de forma absoluta, considerando sempre o que sinto em cada situação.

Ao se pensar em influências para a arte, há aquelas que decidimos conscientemente e aquelas que nos são influências mesmo que não mais as queiramos assim. Minha mãe, meu professor de pintura Napefi e meu amigo Felipe Armelin, foram grandes influências para minhas aspirações artísticas. Porém, perceber-me involuntariamente imitando ou me expressando de modo que se assemelhava mais à maneira dessas pessoas de serem, trouxe um incômodo que me levou a buscar com mais afinco a me expressar da maneira como minha individualidade é.

Em especial, por provocações de meu professor Napefi e meu amigo Felipe Armelin, comecei a expressar o que sinto e, em uma tentativa de fazer com mais espontaneidade e menos idealização. Sendo assim, muitos de meus trabalhos foram pintados sem ao menos ser feito um esboço com desenho, como dito anteriormente, iniciando-se uma fase de pinturas com deformações, que mais adiante, pude perceber uma relação inconsciente com traumas de infância em relação à minha deficiência visual.



Figura 31 - Deixe a esquerda livre! Acrílica sobre tela. 40cm x 50cm. Fonte: elaboração própria, 2019.

Através de um fazer artístico que foi se tornando cada vez mais fluido no que se trata da organização de horários para fazer ou consumir arte, as técnicas de desenho desenvolvidas na infância, adolescência e início da vida adulta, começaram a sintetizarem-se com as deformações, trazendo novamente o figurativo (neste caso, os autorretratos) unido à fluidez das cores.

O processo de transição que sintetizava tanto a fluidez e explosão de cores, como a precisão técnica e figurativa, deu-se em uma série de trabalhos feitos em caixas de pizza (Fig. 27 e Fig.32), que foram inspirados quando observei uma tendência minha ao exagero, principalmente em relação a alimentação que se dava de maneira compulsiva. Para tornar clara inspiração, voltamos para a história do Buda, Sidarta Gautama que, tendo conhecido como brâmane a abundância e saindo ao mundo conhece a falta e a dor; percebe após um longo período de esforços e penitências, que o caminho da autopunição não o levaria à cessação do sofrimento.

Portanto, afirmou o Buda, haver um Caminho Médio que conduz à Iluminação ou Nirvana, sendo este, um caminho menos punitivo (Silva, 2020, p.15 até 30). O caminho do meio, ou médio, consiste em 4 Nobres Verdades:

- I. A Verdade de que toda a vida sensível envolve sofrimento.
- II. A Verdade de que a causa dos repetidos renascimentos e sofrimentos é a ignorância, associada ao desejo.
- III. A Verdade de que esse processo de nascimento, morte e sofrimento pode ser levado para um fim somente com a obtenção do Nirvana.
- IV. A Verdade de que o Nirvana pode ser alcançado seguindo-se com perfeição o Nobre Caminho Óctuplo que abrange a moralidade, meditação e compreensão intuitiva (Silva, 2020, p.19).

A sincronicidade que percebera, ao contemplar à caixa de pizza e refletir sobre o exagero, foi que a caixa de pizza possui oito lados, assim como o número de passos do Caminho Óctuplo de Buda (da Quarta Nobre Verdade), que conduz à iluminação (Nirvana):

A Quarta Nobre Verdade do Budismo é conhecida como o Nobre Caminho Óctuplo, que se compõe do seguinte:

1. Palavra Correta.
2. Ação Correta.
3. Meio de Vida Correto
4. Esforço (mental Correto).
5. Atenção Correta.
6. Concentração Correta
7. Pensamento Correto.
8. Correta Compreensão (Silva, 2020, p. 27).

Ao começar então a série de pinturas em caixas de pizza a partir da sincronicidade; além de buscar equilíbrio em minha alimentação, buscava também a síntese entre uma técnica bem desenvolvida e uma fluidez imbuída de autêntica espontaneidade no meu fazer artístico. Foi então que decidi dar início a uma série de oito trabalhos em caixas de pizza, que ainda não foram concluídos (durante a escrita do TCC), mas que já trago alguns para observarmos a transformação que acontecia no meu estilo de pintura:



Figura 32 - O Caminho e o Destino. Acrílica sobre caixa de pizza (papel plissado). Dimensão em área: 990,25cm<sup>2</sup> ou caixa pizza tamanho médio. Fonte: elaboração própria, 2020.

Perceber outros suportes para pintar me possibilitou prestar auxílio também ao meio ambiente, visto que estaria reaproveitando materiais que iriam para lixo (como as caixas de pizza), além de libertar minha criatividade do pragmatismo de sempre utilizar os mesmos suportes (papéis e telas). Ao mesmo tempo, trouxe um sentido há muito esquecido.

Não havia percebido que desde o meu primeiro desenho de que me lembro e que já não mais possuo, inspirado pela animação da *Disney*, “O Rei Leão” de Rob Minkoff e Roger Allers, que tipos de arte provenientes de animações e histórias em quadrinhos, sempre estiveram presentes em meu caminho, considerando que principalmente os *animes* do Japão foram dentre as artes, as mais apreciadas em minha vida e o que mais consumi de arte enquanto artista e apreciador.

Agora, não somente como apreciador e imitador de outros autores, busco expressar minha própria vivência espiritual, também no universo dos quadrinhos,

mais especificamente, nos mangás, criando a mim mesmo por esta linguagem e utilizando também, novos instrumentos artísticos: agora tecnológicos (mesa digitalizadora) e digitais (*Photoshop CC*):



Figura 33 - Ali Blue. Mesa digitalizadora e *photoshop cc*. 1200px x 1200px.  
Fonte: elaboração própria ,2023.

Estando também em desenvolvimento artes digitais feitas no *photoshop* com o auxílio de uma mesa digitalizadora, percebia uma ordem criativa se estabelecendo juntamente também de uma desordem, pelo excesso de atividades e meios de fazer arte. A pintura digital, por sua vez, trouxe essa reconexão com a minha infância e

fortaleceu um sentido de propósito maior ao meu trabalho artístico, preservando ainda temáticas espirituais agora unidas a um estilo que se assemelha ao das animações/quadrinhos.

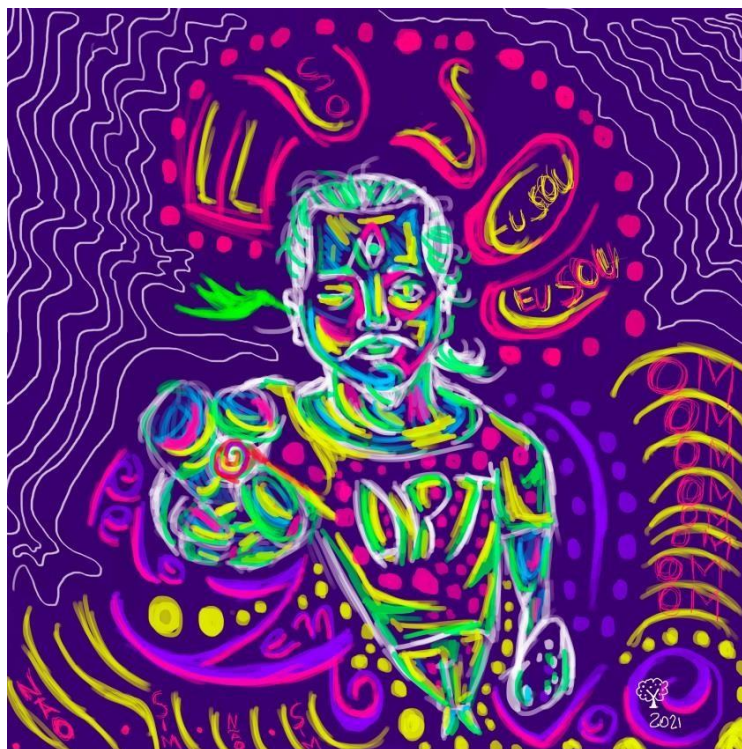


Figura 34 - Dissolvendo no Eu Sou. 5197px x 5197px. *Photoshop cc* e mesa digitalizadora.  
Fonte:elaboração própria, 2021.

Fazer arte, portanto, passou a ser a principal prática espiritual de meu cotidiano, substituindo uma necessidade que sentia anteriormente de frequentar centros espirituais/espiritualistas, o que, porém, não me impede de ser grato aos aprendizados alcançados nos mesmos e ir contemplar alguma linha filosófica ou mística em instituições ou centros dessa ordem, quando assim me sinto à vontade para fazer.

Essa decisão, de ser a arte a prática espiritual primeira de minha vida se intensifica cada vez mais à medida que realizo os autorretratos, visto que toda prática religiosa ou ritualística, tem como intento, pelo próprio sentido etimológico da palavra religião: o de religar-se/reconectar-se, e para isto, desenhar, pintar e progredir como ser humano por estas mesmas práticas, me bastam. Sendo assim, a

prática do autorretrato é um caminho de reconexão comigo, visto que nele, como dito anteriormente, não se realiza somente a figura de si mesmo, mas esta mesma figura, ganha um significado mais profundo que meramente a forma.

Em outras palavras, o criador em sua criação ou o criador e autorretrato, passam a ser não somente um ser humano dotado de corpo físico na obra de arte, mas algo como uma síntese ou um símbolo, que contém em si, muito além de seu sentido literal, permitindo caber em seu oculto, também um sentido espiritual e/ou místico.



Figura 35 - Coração é o centro. Mesa digitalizadora no *photoshop* cc. 5197px x 5197px. Fonte: elaboração própria, 2021.

A intenção começou a ser o ponto de partida para cada prática da vida, não somente no campo artístico e intelectual, visto que a qualidade de minhas intenções, interferirá direta ou indiretamente nas decisões que venha a tomar na vida. E também, que é na intenção, que possuo direito de escolha e que, começo a ensaiar minhas ações. Por analogia, pensar a intenção enquanto uma semente, nos ajudará a compreender que o tipo de semente determina (caso ela germine e a planta cresça, floresça e frutifique) o fruto que será colhido.

Aqui, portanto, caminhamos para o fim de uma etapa, ou poeticamente falando, como uma volta circular na espiral da vida, que traz em si um sentimento de morte e renascimento, já que a espiral não se encerra como o círculo, em uma volta, mas continua a cada uma. Como caminhando em uma infinita espiral, terminemos uma volta, que demarca logo a seguir, novos inícios e novas sementes, restando esta aqui, a ser finalmente plantada.

## CONCLUSÃO

Em 2021, ao longo de um ano intenso de pandemia, tive em alguns momentos de meditação e comunhão com *ayahuasca* e outros enteógenos, somados a processos de imaginação criativa em que, mesmo acordado, pude visualizar com clareza novas formas de pintar. Uma dessas visualizações só veio a ser pintada em um esboço este ano:



Figura 36 - Esboço de "A saída". Aquarela sobre papel A5. Fonte: elaboração própria, 2023.

E com esta obra ilustrando a conclusão deste TCC, como qualquer obra de arte, permanecendo o artista em processo, bem como dito por meu amigo de infância e conselheiro Felipe Armelin: a obra está pronta, mas o artista nunca. O desenvolvimento integral de minha vida continua, como o meu processo de individuação, termo junguiano explicado por Verena Kast, quando diz ser semelhante ao processo criativo (Kast, 2019) e traz clareza sobre seu significado quando diz que: “[...] O objetivo do processo de individuação é se tornar, ao longo da vida, cada vez mais autênticos, cada vez mais nós mesmos, em consonância conosco.” (Kast, 2019, p. 47).

Tal processo é contínuo e é por mim pintado enquanto me aprofundo em quem sou, de forma que por meio da arte visionária, posso traduzir em veículos visuais, vivências espirituais, sintetizadas em autorretratos, enquanto ser humano e também além, em valor, significado e espírito.

Assim como em mim o artista visionário está em contínuo e constante desenvolvimento, também está o professor. Por ser um curso de licenciatura, este que também se encaminha para o fim (para mim), decidi ao longo de toda a graduação, formar-me antes um artista capaz de ensinar especialmente o fazer artístico.

Ensinar, sem antes ser, para mim, sempre soou contraditório. Já como arte/educador, que reflete o fazer artístico pela própria arte, estou também a ensinar através da mediação, que proporciona a apreciação de objetos de arte, como esclarece melhor ainda Ana Mae: “[...] A arte educação é uma certa epistemologia da arte como pressuposto e como meio são os modos de inter-relacionamento entre a arte e o público, ou melhor, a intermediação entre o objeto de arte e o apreciador” (Barbosa, 2005, p. 32).

Dessa maneira, decidi durante este curso de licenciatura em Artes Visuais buscar primeiro a proficiência necessária para fazer arte, que vai muito além de técnicas de desenho ou pintura, mas também, de uma formação de identidade artística, para melhor refletir acerca da poética nas artes. Tal compreensão, possibilita-me navegar até mesmo na história da arte com um olhar mais compreensivo de apreciador, visto que vivencio a prática como outros artistas da

história. Além das experiências vividas enquanto estagiário e professor, que virei a tratar em trabalhos acadêmicos futuros, quis deixar um caminho para todo aquele que quiser, no acadêmico, expressar-se de maneira criativa, já que: “[...] independente do artista e qual linguagem ele se propõe a usar, os processos internos do ato criativo são semelhantes.” (Silva, 2018, p. 33).

Logo, que possa servir o exemplo deste trabalho, que é também artístico, não somente o caminho criativo trilhado pelo Hugo pintor/desenhista, mas também o do Hugo professor e pesquisador independente, que aqui escreve, considerando que este TCC e muitas das obras de minha autoria aqui contidas, foram realizadas durante o período da graduação, portanto, são a expressão de não somente um artista em desenvolvimento, como também de um professor e futuro mestre artista visionário.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEX GREY. Net of Being. Disponível em: <https://www.alexgrey.com/art/fire-eyes/net-of-being>. Acesso em: 17 dez. 2023.

AMANDASAGE. Star Rose – 2017. Disponível em: <https://www.amandasage.com/2017---2013.html>. Acesso em: 15 dez. 2023.

ANNUNCIATION. Leonardo da Vinci. Google and Arts Culture. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/annunciation/sAErNLFH1KFYmw?hl=pt-BR>. Acesso em: 17 dez. 2023.

ARTE VISIONARIA – A arte de retratar visões. MIKOSZ, José Eliézer. Disponível em: <http://www.artevisionaria.com.br/conceito.htm>. Acesso em: 17 dez. 2023.

AUTORRETRATO de Da Vinci. Google and Arts Culture. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/wgXx-RMBDxilLw?hl=pt-BR>. Acesso em: 17 dez. 2023.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem no ensino da arte: anos 80 e novos tempos.** / Ana Mae Barbosa – 6ª ed. – São Paulo: Perspectiva, 2005.

BARROCO, S. M. S.; SUPERTI, T. Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. **Psicologia & Sociedade**, n. 26, v. 1, p. 22-31. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100004>. Acesso em: 8 jan. 2024.

CAMERON, Julia. **O caminho do artista** (recurso eletrônico)/ Julia Cameron; [tradução de Leila Couceiro]. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Sextante, 2017. Disponível em: <https://www.osaberdigital.com.br/wp-content/uploads/2022/09/O-Caminho-do-Artista-Julia-Cameron.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2023.

CARUANA, L. **O Primeiro Manifesto da Arte Visionária**/ L. Caruana; Traduzido por José Eliézer Mikosz (antar; Coordenação e Supervisão de Hélio de Moraes e Marques; Curitiba: Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa., 2013. 80 p.: il. (Coleção Acadêmica).

DE JESUS, S. (Org). Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: arquivos, memórias, afetos. Goiânia, GO: UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2015. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2015.GT2\\_matheusmoura.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2015.GT2_matheusmoura.pdf). Acesso em: 18 dez. 2023.

**DHAMMAPADA: caminho da lei; Atthaka: o livro das oitavas: a doutrina Budista ortodoxa em versos**/ tradução, adaptação, prefácio e notas por Georges da Silva. – 2ª ed. – São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2020.

ECCE HOMO. Hieronymus Bosch. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/ecce-homo-hieronymus-bosch/DQFFBFYxlip-xw?hl=pt-BR>. Acesso em: 17 dez. 2023.

HOMEM vitruviano. Wikipédia. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/HOMEM\\_Vitruviano\\_\(desenho\\_de\\_Leonardo\\_da\\_Vinci\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/HOMEM_Vitruviano_(desenho_de_Leonardo_da_Vinci)). Acesso em: 17 dez. 2023.

KANDINSKY, Wassily, 1866 – 1944. **Do espiritual na arte e na pintura em particular** / Wassily Kandinsky; tradução de Álvaro Cabral, Antonio de Pádua Danesi. – 3. Ed. – São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2015.

KAST, Verena. **Jung e a psicologia profunda: um guia de orientação prática** / Verena Kast; tradução Karina Jannini – São Paulo: Cultrix, 2019.

MAIA, Denise. **Autorretrato: a pintura como expressão da alma**. 2005. Disponível em: <http://denisemaia.com.br/arqs/outros>.

MIKOSZ & MYTHOSZ. (Site). Disponível em: <https://mikosz.com.br/>. Acesso em: 17 dez. 2023.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falava Zaratustra**. Tradução de Ciro Mioranza. – São Paulo: Escala, 2006. Tradução de: Also Sprach Zarathustra.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação** / Fayga Ostrower. 30 ed. Petrópolis, Vozes, 2014.

PRESSFIELD, Steven. **A Guerra da arte**. Tradução de Geni Hirata. – Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. Tradução de: War of art.

SILVA, M. M. **Cartografias do inconsciente em quadrinhos: ayahuasca, respiração holotrófica e sonhos lúcidos como processos criativos**. 2018. 483 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/6fd77a82-051d-4bc1-8d1c-3463003291ce>. Acesso em: 18 dez. 2023.

STEIN, Murray. **Jung: O mapa da alma. Uma introdução** / Murray Stein; tradução de Álvaro Cabral; revisão técnica de Marcia Tabone – 5ª ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

WILBER, Ken. **A visão integral: uma introdução à revolucionária Abordagem Integral da Vida, de Deus, do universo e de tudo mais** / Ken Wilber; Tradução de Carmen Fischer. – São Paulo: Cultrix, 2008. Título original: The integral vision.

WIKIART Visual Art Encyclopedia. Disponível em: [www.wikiart.org/en/hilma-af-klint/altar-painting-1915](http://www.wikiart.org/en/hilma-af-klint/altar-painting-1915). Acesso em: 16 dez. 2023.

TRÊS INICIADOS, 1862-1932. **O caibalion: estudo de filosofia hermética do antigo Egito e da Grécia** / Três Iniciados; tradução de Rosabis Camaysar. 2. Ed. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2021. Título original: The kybalion: a study of the hermetic philosophy of ancient Egypt and Greece.